

Vertente

ANO 1 - Nº 5 - RJ / JUNHO 97

VOLTADO PARA A PRODUÇÃO CULTURAL DESTINADA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE

ZILKA
SALABERRY



VIII Bienal do Livro

Educação em época de transição

Cantinho de Leitura
um projeto mineiro para o Brasil

"Cara, eu tô maluca"
linguagem e contemporaneidade

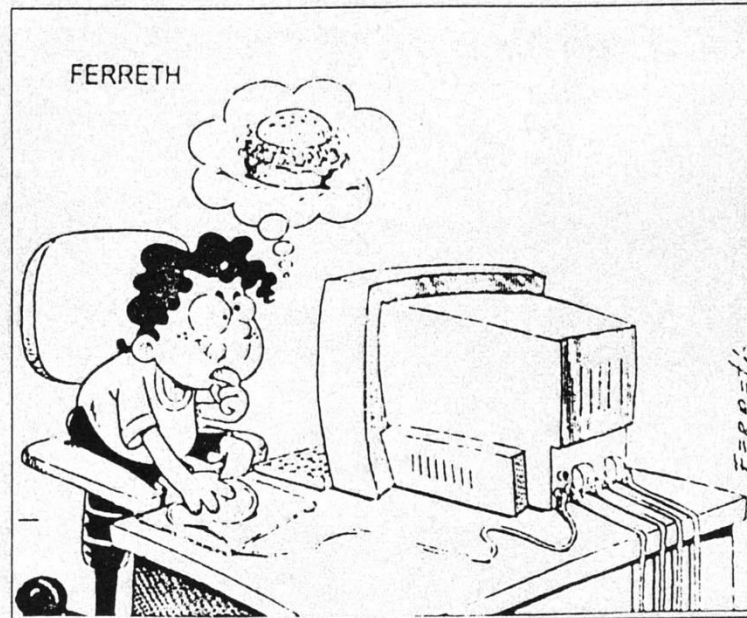
EDITORIAL

O Jornal Vertente lançou seu nº zero, experimental, em outubro de 1996, com Fanny Abramovich na capa. Só isto já indicava a proposta de trabalho do Vertente.

Havia uma intenção de, em 6 meses, num trabalho de aumentar seu público, definir sua proposta gráfica e editorial, buscando qualidade, sem se tornar um jornal "de tribo".

O caminho tem sido trabalhoso e recompensador. Da primeira tiragem experimental de 5.000 exemplares, chegaremos, no próximo número, a 36.000 exemplares.

Temos tido alguns problemas como prazo, impressão



e revisão. Este mês tivemos alguns reforços. Somos hoje uma pequena grande equipe permanente de sete pessoas que pretendem continuar expandindo o Vertente, a nível nacional.

Em julho lançamos praticamente dois números: este, referente a junho, e outro, referente a julho, entre os dias 21 e 25. A revisão ganha o reforço de dois novos revisores, a reformulação gráfica continua em processo, e, a partir de agora, contamos com dois novos estagiários de jornalismo, reforçando o time. Em agosto,

acreditamos, estaremos na rua com a cara "definitiva" do Vertente, na medida em que possa ser definitiva qualquer expressão do espírito ou mesmo da mente.

CARTA AO VERTENTE

✉ "Obrigada pela gentileza de me enviar o Jornal Vertente. Fiquei orgulhosíssima de ver o trabalho de vocês. Parabéns! Sempre que puder, me mande os próximos exemplares, pois pretendo mostrá-los aos franceses que se ocupam com a Literatura Infantil".
Glória Pondé - França

NOVOS TELEFONES
(021) 568-8912
(021) 567-6651

E-mail: vertente@infolink.com.br

Home-page: <http://www.infolink.com.br/~jornalvertente>

EXPEDIENTE

Editor Responsável: Carlos Augusto Nazareth.

Sub-Editor: Gustavo Paso

Conselho Editorial: Benita Prieto, Lúcia Cerrone, Lúcia Jurema, Carlos Augusto Nazareth, Gustavo Paso

Editoria de Literatura: Benita Prieto.

Colaboradores: Ângela Lago, Benita Prieto, Caique Botkay, Carlos Augusto Nazareth, Eva Spitz, Fabiana Mello, Ferreth, Gustavo Paso, Léo Cunha, Lysette Raymundo, Marcelo Guerreiro, Maria Helena Nazareth, Zeca Bittencourt

Marketing: Rodolfo Brandão

Reformulação do Projeto Gráfico e Diagramação: Gustavo Paso.

Distribuição: Luís Lemos.

Jornalista Responsável: Marco Antônio Henriques. Reg. 16.001

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.
Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - tel/fax:568-8912
Tiragem mensal de 15 mil exemplares

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL: MARCELO MARTINS

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO

AMAIIS
Bibliotecas populares do RJ (20)
Casa da Gávea
Casa da Leitura
Casa das Artes de Laranjeiras
Casa de Cultura Laura Alvim
Livraria Divulgação e Pesquisa
Catsapá
Centrinho de Artes do Meier
C. Cult. Banco do Brasil
C. Cult. Calouste Golbenkian
C. Cult. da Light
C. Cult. da SBAT
C. Cult. CIEE
C. Cult. Gama Filho
C. Cult. Laurinda Santos Lobo
C. Cult. Oduvaldo Viana Filho
Clube Mackenzie
Clube Municipal

Dazibao - Paço Imperial
Esc. de Dança Maria Olenewa
Esc. de Música Antônio Adolfo
Esc. de Música Villa Lobos
Esc. de Teatro Martins Pena
Esc. Nacional de Música
Espaço Cultural dos Correios
Espaço Novo
Espaço das Artes
Estação Botafogo
Estação das Letras
Estação Paissandu
Esp. Unibanco de Cinema
Esp. Cultural Sérgio Porto
Letras e Expressões
Livraria Malasartes
Livraria Plens
Livraria Pé de Página
Livraria Ler e Ver

Livraria Siciliano - Ipanema
Museu da Cidade
Museu da República
Museu do Telefone
O Tablado
Paço Imperial
Planetário da Gávea
Sindicato dos Artistas
UNI-RIO - Biblioteca
TEATROS DA CIDADE (35)

NITERÓI
CINE-ART UFF

SÃO PAULO
Cent. Cult. Vergueiro
Teatro Ventoforte

FRIBURGO
Nova Friburgo C. Club

VOLTA REDONDA
GACEMSS

VALENÇA
Imaginarte

PETRÓPOLIS
Biblioteca da UCP
Bibl. Mun. Gabriela Mistral
C. C. Tristão de Athaide
Livraria Livromania
Livraria Obelisco
Livraria Pump



Maria Antonieta Cunha

GENTE

Sua área preferencial sempre foi a linguagem, em especial as questões de leitura e produção de texto. Seus livros (22), alguns em parceria com o amigo Orlando Bianchini, assim como seus quase 100 artigos privilegiam essas áreas.

Vem de longe, também, sua ligação com literatura infantil: desde os tempos do Instituto de Educação, onde transformou as poucas aulas de literatura infantil em curso de um semestre. Para 1964, era uma conquista.

Outro avanço foi, já em 1970, começar a oferta regular da disciplina Literatura Infantil na Faculdade de Letras da UFMG. Na época, o assunto era tido como pouco sério, e nenhuma universidade brasileira investia nele.

Fundou a Editora Miguilim, que passou logo a ter grande importância no cenário do livro infantil brasileiro, pela qualidade e inovação de suas obras.

Em 1990 criou a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte - referência obrigatória quando o assunto é biblioteca para crianças no Brasil - belo espaço de pesquisa e laboratório de experiências em torno da produção cultural para a criança; tem extensa programação de leitura e duas revistas de peso de distribuição gratuita: *Ler-o-Lero*, para crianças e *Releitura*, para adultos.

Assumiu a Secretaria Municipal de Cultura, na gestão do Prefeito Patrus Ananias de Sousa, de 1993 a 1996 e nesse cargo esteve à frente de projetos ligados à leitura; no momento, atua como consultora junto à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, na organização e execução dos Cantinhos de Leitura, projeto que focalizamos nesta edição.

Sobre a questão da leitura no Brasil, tem posição clara. Viajando pelo mundo, participando de feiras e congressos, representando o Brasil em júris internacionais que lhe possibilitaram analisar obras de variadíssima procedência, aprendeu a admirar o esforço de autores de texto e ilustração e dos editores brasileiros em fazer uma literatura de qualidade num país que lê tão pouco.

Procura não se despedir definitivamente de pessoas e projetos. Sabe que o mundo dá muitas voltas e é sempre possível ajudar cada pessoa ou projeto que um dia já lhe disse respeito.

Antonietta lembra que, num balanço como este que faz no *Vertente*, não ficam evidentes as dificuldades, equívocos e perdas, que não foram tão poucas assim. Mas tudo teve valor num caminho longo de aprendizagem e trabalhos. Encerra afirmando que espera dar ainda conta de alguns outros, pela vida afora.

Notícias

CANTINHOS DE LEITURA: UM ARROJADO PROGRAMA - MODELO PARA TODO O BRASIL

Os Cantinhos de Leitura fazem parte de um projeto maior: o PROQUALIDADE, cujo grande objetivo é a melhoria da qualidade do ensino básico de todo o Estado de Minas Gerais.

Os cantinhos tiveram aspectos diferenciados das compras convencionais para escolas. A novidade era tal, que foi preciso contar com uma grande equipe de entusiastas, convictos e corajosos. Um grupo seletivo de colaboradores não poupou esforços para viabilizar o projeto: em especial, Marco Aurélio Penzin, Edir Valadares e Maria de Lourdes Madureira de Pádua.

Uma equipe de cinco especialistas foi contratada para o estabelecimento de critérios de seleção de obras, a própria seleção, a composição harmoniosa de lista de sugestões de títulos e a execução da feira de livros para aquisição dos acervos, segundo escolha das escolas.

Os Cantinhos de Leitura são mini-bibliotecas que passam a funcionar em cada uma das 31 mil salas das escolas

públicas estaduais mineiras, onde funcionem turmas até 4ª série. Nessas 5190 escolas serão diretamente beneficiados dois milhões de alunos.

Os Cantinhos foram imaginados com um mínimo de 40 livros diferentes de literatura, observada sempre a diversidade de gêneros, linguagens, temas, autores, editoras.

Para a definição desses 40 livros foram selecionados 1055 títulos. Para a aquisição dos livros de cada sala a escola recebeu R\$360,00 além da verba de passagem e ajuda de custo para duas pessoas, se a escola não é da Capital.

A compra foi feita numa feira de livros em Belo Horizonte, na qual só estavam expostos os livros selecionados. Os representantes das escolas tiveram pelo menos dois dias para avaliar obras e preços e escolher o acervo da cada sala após esse contato direto com os livros.

Como a SEE/MG tinha negociado com as editoras e distribuidoras um desconto mínimo de 30% no preço de capa dos livros, as escolas puderam

comprar para cada cantinho uma média de 62 livros.

Além do ambiente de uma "bienal do livro", experiência ainda não vivida pela absoluta maioria dos participantes, a feira ofereceu oficinas, sessões de teatro, hora do conto e poesia, histórias e depoimentos em vídeo.

Envolvendo 55 editoras com cerca de 10.500 diretores e professores de todas as regiões de Minas, a Feira representou 6 dias de trabalho intensíssimo, de enorme responsabilidade, às vezes dificultado por algum desconforto e pressão de tempo, viagem, contas. No entanto, o esforço terá sido compensador para todos.

65% não têm na sua cidade livraria ou ponto de venda de livros;

95% aprovaram as sugestões dos livros, na qualidade, número e variedade;

95% aprovaram as atividades paralelas da feira.

A LÍNGUA DESPATRIADA:

“cara, eu tô maluca”

POR EVA SPITZ

“*Você está me entendendo?*” é a tradução mais apropriada para o nome da música mais executada nas rádios londrinas desde o seu lançamento na penúltima semana de junho (outro dia) pela banda inglesa **Oasis** do seu novo disco *Be Here Now*. A banda é unanimidade entre o povo jovem. “D’you know what a Mean?” e a indagação parece desesperada. Tudo indica que não. Os adultos não estão entendendo o que eles querem dizer. Seja a pergunta feita em inglês ou em português. Apesar das peculiaridades culturais de cada povo, com certeza, a música fará o mesmo furor no Brasil, onde hordas e mais hordas de adolescentes, que falam uma linguagem cifrada, repleta de gírias e monossílabos, encontram a mesma dificuldade em comunicar ao pai ou à sociedade o que vai no seu coração, e encontram-se, cada vez mais, ilhados em suas tribos, identificados com suas bandas de rock e falsamente afastados da sociedade consumista.

No Brasil, a questão da comunicação tem nuances muito próprias: de um lado tem a pobreza do ensino e a ignorância dos professores, que tornam o aprendizado super limitado; de outro, o alto avanço tecnológico, que introduz para muita gente, que nem sabe escrever direito, o acesso a uma Internet, mais fácil de ser decodificada do que um livro de Machado de Assis.

Fala-se muito em uma geração sem palavras, título inclusive de um texto antigo, de 78, lançado pela Editora Estrutural, assinado por Ely Lanes, que influenciou muita gente boa. Segundo o autor, ou autora, o homem contemporâneo “está desaprendendo a falar, usando somente o linguajar básico, essencial, e os gestos”. Esse espanto tem atravessado décadas. A nossa matéria procura discutir um pouco essa geração sem palavras que volta e meia é referida como tal na imprensa e já virou lugar comum na boca de pais e adultos em geral, que não conseguem entender o que esses jovens querem da vida.

Para a psicóloga Helena Milman, não há nada de complicado de entender. O que nós chamamos de dificuldade da rapaziada de se comunicar é uma dificuldade natural de expressar em palavras o que está se passando em suas cabecinhas. “Não é que eles falem errado. Na verdade, eles não falam errado, mas de um modo conciso. Uma palavra quer dizer muitas coisas.

Há coisa demais na cabeça deles para se transformar em palavras, são coisas que eles nem sabem lidar ainda, e que, portanto, não sabem expressar.”

O fato de o jovem usar uma linguagem de códigos é pura sobrevivência, acredita o professor da Pós Graduação na ECO - Escola de Comunicação da UFRJ - e filósofo Henrique Antoun. “É uma linguagem camuflada. Ele usa a mesma palavra para muitas coisas, às vezes até porque não quer mesmo que descubram ou porque, se não são coisas ilegais, são contra a família e quanto menos palavras, menor a *bandeira*, supõe. Para ele, as linguagens novas, como a que a Internet propõe, ao invés de limitarem o universo, estimulam a escrita. Navegador inveterado da Internet,

“Quase toda a cultura ocidental está cada vez mais restringindo o seu vocabulário e transformando toda a expressão do pensamento em frases feitas...”

Marise Rocha Kastrup

prof. Antoun acredita nela como uma forma de reeducar as pessoas a nível moral. Ele descobriu que para se comunicar pela Internet a pessoa não pode utilizar uma linguagem muito solta ou irreverente, para não correr o risco de ofender o provedor ou a sensibilidade dos que participam do grupo de discussão. “Você tem que cuidar mais do que você diz, escolher as palavras certas, caso contrário recebe dezenas de cartas questionando a tua fala. Por exemplo: você não pode dizer nada muito vulgar ou escrito de modo displicente, que recebe tratados de espinhações via Internet. Uma frase idiota mal formulada pode resultar em 500 respostas para justificar o mal passo. Com essa preocupação em foco, pessoas podem ser tomar mais atenciosas e mais gentis, porque a consciência de rede te obriga a isso”.

Segundo ele, para as gerações passadas, a palavra era prolixa e diversificada, porque usada como amortecedor - ou seja, meio de se chegar a um objetivo. “Para se cortejar uma moça se recitava três poemas e se necessitava de uma longa justificativa verbal. Hoje, isso não tem mais importância. Hoje é tudo mais direto, sem rodeios. O que repercute no vocabulário, também mais simples e direto. Porém na vida ativa, profissional, a palavra é novamente necessária. Você tem que enfeitar muito o pavão.” E como é que fica para esses adolescentes acostumados à concisão? “Aí fica um certo gap.”

“Quase toda a cultura ocidental está cada vez mais restringindo o seu vocabulário e transformando toda a expressão do pensamento em frases feitas, estereotipadas, que servem para qualquer situação e que acabam por substituir o exercício do pensamento”, acredita a professora Marise Rocha Kastrup, do alto dos seus 25 anos de experiência como educadora especializada em interpretação de texto, em escolas de elite como o colégio Andrews e Corcovado (colégio bilíngüe). Ela observa que na nossa cultura houve muita influência da linguagem do morro, do malandro, que se observa pela presença maciça do pronome tu com a concordância do verbo na terceira pessoa. O certo é o pronome levar o verbo para a segunda pessoa do singular, mas quem está preocupado com o certo? “É a linguagem do malandro que a classe média jovem brasileira acha muito engraçadinha e que em nada se diferencia da linguagem de jovens marginais de verdade”, diz.

Ela, que trabalha com a classe média alta, tem uma experiência curiosa. Os alunos da Escola Corcovado, por exemplo, são filhos de uma classe média bem nascida e ilustrada. O padrão dos pais, em termos intelectuais, é muito alto. No entanto, os garotos mal conseguem estruturar um pensamento, dizer uma frase inteira, muito menos usar o vocabulário que recebem de seus pais. “Os efeitos da comunicação de massa, de que McLuhan já falava, são muito poderosos, no sentido de tomar o sujeito muito mais receptor do que agente. E assim, como receptor, passivo, é mais fácil assimilar a cultura de mosaico, do que produzir uma frase com pensamento lógico e estruturado.”

"...no atual momento histórico há uma falta total de paradigmas de toda ordem: moral, estético, político; e a gramaticalidade é reflexo disso."

Affonso Romano de Sant'Anna

"Não quero dizer que essa geração seja burra; ao contrário, são muito inteligentes e safos. Não conseguem interpretar um texto simplesmente porque precisam ter domínio da linguagem, coisa que eles não têm. Eles, na verdade, sabem do que se trata, só não sabem como dizer. O conhecimento ficou superficial. E a verbalização do pensamento é fundamental. Não vejo os adolescentes de hoje como incompetentes. Mas falta um canal para eles se expressarem. Eles ficaram mais apegados ao visual e respondem a tudo de modo fragmentado."

Mãe de dois filhos, Marise vive na pele o problema. A família exercita pouco o falar. Que tempo os pais dedicam à conversas com os filhos, se pergunta. Pais que trabalham o dia todo e ainda chegam estressados não estão a fim de conversa. Os diálogos são monossilábicos. Antigamente, o almoçar e jantar eram motivo de encontro, hoje, almoçar é cada vez mais remoto. E quando chega o fim de semana, o filho some, a mãe some, todo mundo some. Ninguém mais fica em casa. Aquela mãe presente não existe mais. "Ainda assim, acho que as pessoas de hoje são mais verdadeiras. Pior era você fingir que era uma família."

Luís Alberto de Oliveira - cosmólogo: "Fico imaginando que a circulação de informação, o tipo de diálogo entre os jovens de hoje, jovem ocidental sujeito às influências que a gente conhece - televisão, música, vídeo games, internet - certamente não tem um tipo de prática narrativa, um linguajar narrativo, que uma educação mais literária, que o contato com os clássicos lhe dariam. Com certeza, não vão ter o mesmo tipo de prática dos jovens ingleses de Oxford de 1920 ou dos jovens do colégio de Aplicação de 1960. No entanto, pode-se circular em certos meios que uma cultura livresca não permitiria. Você pode circular em meios que um roteirista de videoclipe e o publicitário absorvem com facilidade."

Da minha experiência com a cultura - lido com a elite pensante do mundo, pós-graduandos em física, uma parcela altamente educada do mundo - eu vejo que os meus alunos têm menos poder de articulação literária. São informados, são críticos, debatem, mas escrevem mal, não escrevem bem. Meus amigos latino-americanos se expressam bastante mais articuladamente. A minha interpretação é a de que os nossos irmãos latino-americanos têm uma formação de escrever com qualidade maior. O que se pode deduzir é que o problema aqui tem a ver com o ensino no Brasil; os alunos não são bobos, mas na hora de escrever, eles têm dificuldade."

Marina Colasanti credita o discurso cifrado dos jovens ao modismo e à necessidade de se diferenciar mesmo dos pais, embora considere o empobrecimento da linguagem como um fator discutível. Está interessada em saber se há um empobrecimento de fato ou se está havendo efetivamente uma troca de palavras, uma reciclagem de vocabulário. "É verdade que existem umas interjeições que são usadas como se fossem vírgulas - sacou, cara - mas isso é muito comum no filme americano. *Ofucking* também é usado para pontuar a linguagem. Não sei até que ponto esse empobrecimento da linguagem foi ajudado pelos adultos, como os que fazem filmes, televisão ou publicidade. Assim como as pessoas, também a linguagem perdeu as boas maneiras. Há um clima de

"Assim como as pessoas, também a linguagem perdeu as boas maneiras. Há um clima de desleixo no ar."

Marina Colasanti

desleixo no ar. Os tratamentos foram caindo em desuso, os pronomes e a concordância se desentendendo. Ficou tudo misturado. Há uma deseducação da língua, semelhante à deseducação do povo. Por exemplo, um motorista de táxi não trata mais o passageiro por senhor ou senhora. Relações formais são tratadas com intimidade.

A rigor, diz ela, a linguagem que os garotos recebem dos adultos, e que deveria ser uma linguagem formadora, já não é aquela que nós recebemos. Sem falar na baixa qualidade do ensino. Os jornais mal escritos, a publicidade cheia de erros, detonaram a crase. Há uma anglicização da linguagem. Por outro lado, todas as línguas são invadidas violentamente o tempo todo. O país rico invade os outros. O Brasil já foi muito invadido pelos franceses antes dos americanos. Na França, para se prevenir contra essas invasões, os franceses criaram leis para se protegerem do *franglais*. Mas é isso que provoca as modificações na língua.

Para Affonso Romano de Sant'Anna, a

linguagem sempre esteve em mudança. O que está ocorrendo agora são mudanças mais rápidas. "Há um cruzamento de diversos nichos linguísticos, resultado de uma maior intercomunicação. Por outro lado, no atual momento histórico, há uma falta total de paradigmas de toda ordem: moral, estético, político, e a gramaticalidade é reflexo disso."

Já o filósofo Gerd Bornheim, que participa, juntamente com Luís Alberto de Oliveira, da discussão sobre o fim do milênio, promovida pelo Planetário da Gávea, acha que a língua é necessariamente uma coisa dinâmica. "As línguas que não se mexem são o grego, o latim clássico, estas, sim, são línguas mortas. Mas as línguas são organismos vivos e não convém endeusá-las." Por outro lado, acredita que existe um alargamento dos meios de comunicação "de fato muito impressionante, sobretudo um desenvolvimento tecnológico, que nos leva a recolocar a questão da língua. Isso é benéfico, no meu entender, porque é um alargamento, é um enriquecimento em profundidade que está nos levando a reescrever a história e a geografia, que agora apontam para as diferenças no processo de globalização, como necessidade fundamental do homem de coexistência." Em função disso, Bornheim acha mais do que necessário um intercâmbio entre as línguas.

Há, segundo ele, uma tendência a tratar a língua portuguesa como se fosse língua morta. "Qualquer modificação é um deus nos acuda, e isso não tem sentido. Se o governo quer criar uma política para evitar os excessos, eu sou de acordo. Mas sem esquecer da dinamicidade da vida."

O melhor, nesses tempos de grandes desequilíbrios, é ficar com as palavras sábias de Lao Tzé, mestre chinês que fundou o Taoísmo há cerca de três mil anos atrás. Para letrados e iletrados, tradicionalistas ou *mudernos*, ele faz um alerta para a transitoriedade da língua/vida:

*"Falar pouco é o natural
Um redemoinho não dura uma manhã
Uma rajada de chuva não dura um dia
De onde provêm essas coisas?
Do céu e da terra.
Se nem o céu ou a terra podem produzir coisas
duráveis, quanto mais os seres humanos..."*

DICAS TEATRAIS

TUHU - O MENINO VILLA LOBOS	Direção de Karen Acioly. <i>Centro Cultural Light</i> . Avenida Marechal Floriano, 168. Centro. Sáb. e dom., às 15h. Grátis. <i>Distribuição de senhas a partir das 14h.</i>
AMIGAS X AMIGAS	Direção de João Batista. <i>Teatro de Arena</i> . Rua Siqueira Campos, 143, sobreloja. Copacabana (235-5348). Sáb. e dom., às 17h. R\$ 10,00
PAPAGUENO	Direção Lúcia Coelho. <i>Casa de Cultura Laura Alvim</i> . Rua Vieira Souto, 176. Ipanema (247-6946). Sáb., às 17h e dom., às 16h. R\$ 10,00

CRÍTICA

CARLOS AUGUSTO NAZARETH

BRANCA COMO A NEVE

A literatura e o teatro fazem parcerias muitas vezes enriquecedoras para ambos os segmentos. E mais uma vez nos deparamos com **O Conto de Fadas em Questão**. Natural, já que é um dos dez preferidos pelos escritores de literatura infantil e pelos encenadores para serem recontados. E é aí que reside todo o perigo. Por que recontar um conto de fadas? *“ou se respeita a integridade, a inteireza, a totalidade da narrativa, ou se muda a história... mutilar a obra alheia, acho que é um dos poucos pecados indesculpáveis...”*. Por lidar com conteúdos essenciais da condição humana é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje. Quem lê Cinderela não imagina que há registro que essa história era contada na China, durante o século IX d.C.; cada elemento do conto de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto (**Fanny Abramovich in Literatura Infantil**).

O espetáculo **Branca como a Neve** incorre nessa tentativa imperdoável de atualização do conto de fadas. A adaptação retira do conto toda a magia, encanto, mistério e conflito humano em prol de um “pato” de desenho animado que se insere na história, de uma rainha que fala por celular, e, enquanto se diz “stressada”, as crianças conversam na platéia, reclamam da bruxa que não aparece. Reclamam, enfim, do seu direito de viver “um medinho bom” como dizia uma criança para uma especialista em literatura. É exatamente neste estado em que o conto de fadas coloca a criança - a permissão de viver todo e qualquer

sentimento - porque ela tem a consciência de que os vive na fantasia. Quando o adaptador agradece aos Irmãos Grimm e aos Estúdios Disney “que me serviram de principal referência” fica declarado o caminho tomado e proposto. *Disney o que mais fez foi pasteurizar o conto de fadas, retirando dele exatamente sua essência e seus conflitos, adocicando-os, tirando-lhes, enquanto obra de arte, toda sua densidade, significado e revelação.*

E assim segue o espetáculo que tem um ritmo lento, pois a adaptação não consegue, além de tudo, transpor para a linguagem teatral a linguagem literária. Há muito pouco teatro em cena. Há literatura teatralizada por atores que caminham por um histrionismo exagerado, para suprir a falta de carpintaria teatral, de desenho cênico. Lúcio Mauro Filho mais uma vez carrega as tintas de seus personagens e é um comediante meio ao espetáculo.

O forte trabalho de Sérgio Marimba dá personalidade à cena, porém é muito mais uma obra de arte de belos painéis do que elementos de cena. Os figurinos de Charles Moeller se adequam ao cenário, mas não acrescentam nada à encenação; assim como as músicas de Carlos Cardoso com letras de Marcelo Vale quase um Disney *remake*.

O programa diz: “O CCBB tem especial interesse na formação de platéias... Fundindo teatro e conto de fadas, a peça “Branca como a Neve...” é um espetáculo sob medida para o público infanto-juvenil.” Com certeza, dessa vez, o CCBB, detentor de tantos acertos, não teve um final feliz.

Esta crítica foi publicada originalmente no Jornal do Comércio



O Brasil no Festival de Lyon

UM DEPOIMENTO DE DANIEL HERTZ E SUSANA KRUGER

"Acho que é um presente da vida poder levar o teu trabalho para o mundo, não é nem deslumbramento tupiniquim de ir para fora se apresentar não, é muito fascinante porque é uma troca de informações muito intensa. É muito enriquecedor você ir para outro lugar se apresentar.

Quando você sai do Rio e vai para outra cidade do Brasil, já tem essa riqueza; a platéia muda, tem alguns detalhes de ambiente que modificam tudo. Quando se está na França, isso é mais poderoso ainda, é outra língua, as pessoas entram no teatro com outras roupas, a platéia é diferente, o jeito de olhar é diferente, então é muito rico porque você percebe que a cultura, e o teatro, especificamente, tem um poder de harmonizar o ser humano, de juntar, de unir o ser humano que é muito especial. A arte traz a



essência do que é a resposta para cada um; do que é estar vivo, não é nem que traga a resposta, mas traz a questão dessa resposta. É óbvio que isso está regado pela cultura de cada lugar. As pessoas chegam com suas informações individualizadas, entram num evento teatral e tudo se harmoniza. Acharmos que ia ter

uma coisa sisuda, fria, do europeu. Nós temos que aprender muito com eles quanto à segurança, com o cuidado que se tem com a vida humana, organização, mas eles têm que aprender muito com a gente, quanto ao jogo de cintura, ter um pouco mais de manha. E nesses momentos você percebe quanto pode trocar experiências. Quando se sai do país você relativiza seu trabalho, valoriza e percebe criticamente os pontos negativos não só do teu trabalho, mas também da sua cultura."

V: Como surgiu a Cia. de Atores de Laura ?

D/S: Surgiu de um trabalho na Casa de Cultura Laura Alvim, onde eu e a Susana damos aula há uns dez

anos. São cinco anos de Cia., cinco peças e a gente percebe ao longo desses anos que é a melhor forma de fazer teatro. Com uma Cia. estável você tem valores éticos que são inseridos no processo. Esses valores atuam contra desequilíbrios, que fazem parte da natureza humana. A Cia. foi estruturada de maneira que uma de nossas maiores preocupações é a saúde interna da Cia. O Ivan de Albuquerque me falou: "Uma atriz/ator é apenas uma folha ao vento", então você vai para onde os ventos sopram; muitas vezes os ventos não sopram para direções que você, eticamente, acha que são direções legais, mas você vai porque não tem um porto seguro de um trabalho no qual você acredite.

V: Como é a dinâmica da Cia., ela cresce com os alunos que entram ?

D/S: Não tem mais aluno que entra. A Cia. surgiu de uma turma de alunos, mas isso foi há cinco anos atrás. Hoje em dia esses atores são profissionais,

ZOOM

COM DANIEL HERTZ E SUSANA KRUGER

têm registro, um eventualmente faz novela, outro não. A Cia. tem em média 18 atores e atécnicos, com o Aurélio de Simoni na

iluminação, Marina Salomão no corpo. Há uma assessoria psicanalítica - que é uma idéia da psicanálise no teatro - como se fosse um assistente de direção, mas com um olhar de quem tem uma formação acadêmica na psicanálise. Tem a Ana Paula, figurinista, a Veronica Reich, que é a divulgadora e Lidia Kosowski que faz o cenário. A idéia de ficarmos juntos trabalhando é uma forma de criar uma intimidade teatral.

V: Onde vocês mais se realizam: como atores, diretores ou professores ?

D: Acho que o ser humano é muito eclético, contraditório e tem uma capacidade de ter fontes de prazer bem variadas. No momento da plenitude de criação pra mim é igual em qualquer coisa que faço ligado ao teatro.

S: O que mais gosto de fazer é concretizar as idéias que tenho, seja ela como atriz, diretora... Adoro quando me vem um "insight" e consigo transformar isto concretamente.

TEATRO

UMA PEÇA É UM JOGO!

"Graças a Deus nossa arte não perdoa. Pelo menos não estamos acumulando mais lixo nos museus. O sucesso de ontem é o fracasso de amanhã. Admitindo isso, poderemos sempre recomeçar do zero"

Peter Brook

O artista de hoje está perplexo diante das espirais de constante construção e destruição, num prazo em nada cúmplice com a natureza. Se juntarmos os eventos políticos e sociais que choveram sobre a humanidade neste século, com a incrível transformação que o mundo sofreu depois desses eventos, veremos que o artista contemporâneo está num movimento autofágico, trágico, mergulhado em si mesmo e se devorando como um Pac-man ou uma bacante lasciva, devorando tudo que há de supérfluo até chegar ao essencial

O século XX deu um grande presente ao teatro: em seu caminho de arte autônoma, foi possível dissociar o texto da cena. Texto é, inicialmente, literatura dramática; só quando encenado é que se torna teatro. Paradoxalmente, para o artista contemporâneo, o grande achado foi poder ter perdido a história. Não haveria meios para recontar, reconstruir os milhões de variedades de formas assumidas pelo mundo moderno. O mundo moderno não reside mais fora da janela do artista, nem mesmo o torna o centro de suas atenções. A arte é uma matéria inteiramente incompatível com a dinâmica atropeladora da humanidade.

Sabendo disso, o artista devolve sua sobrevivência com um grande grito, um acúmulo, num jorro: um gesto único que talvez venha a ser a sua despedida, ou uma renovação do convite para continuar a produzir. Recomeçar... o teatro contemporâneo está fazendo uma grande fogueira de si próprio e tomando consciência de que a teatralidade é própria do teatro e se afirmando autonomamente enquanto espaço para jogos de códigos. É isso! Uma peça é um grande jogo! E o nosso prazer é criar este jogo. Uns dizem que o teatro está sempre morrendo - só não percebem que as regras do jogo estão em elaboração. Tal qual a fênix, recomeçar...

O teatro não achou até hoje as suas cinzas. Os ganhos de independência das outras artes - principalmente as plásticas e musicais - foram muito timidamente acompanhadas pelo teatro. Ninguém abandona uma bela palavra em cena, os métodos de representação mudaram pouco, o teatro continua discutindo as mesmas besteiras há um século. A verdade é que, à medida que o tempo passa os conceitos se diluem, o acúmulo se torna insuportável e a massa de informação cultural se torna uma turva lembrança no horizonte.

De todas as possibilidades, torna-se difícil expressar a angústia de uma forma nova e criativa, pois o conceito "angústia" ainda está por demais embebido em simbolismos tradicionais de sentimentos. No entanto, não é sem angústia que queimamos tudo aquilo que consideramos o mais precioso extrato que esse século teve a oferecer. No fim de todos os séculos nasce um curioso pessimismo, esse alarmante berro que prevê o fim; a angústia de se observar a efemeridade do que está vivo e a terrível saudade daquilo que acaba de ser destruído; é um paradoxo dentro do qual vive a arte, vivemos nós, e poucos sabem expressá-lo. Que pelo menos possamos criar novos jogos e aprendamos a jogá-los.

Zeca Bittencourt

Encenador da Cia Cênica do Outro Milênio

10

SEMINÁRIO DE LITERATURA DRAMÁTICA E TEATRO NA ESCOLA DIAS 15, 16, 17 e 18 de julho na Biblioteca Estadual Celso Kelly

PRIMEIRO DIA - 15/07

MANHÃ

8:30H *RECEPÇÃO*

9:00H *ABERTURA OFICIAL*

BENITA PRIETO
CARLOS AUGUSTO NAZARETH
LUCIA JUREMA FIGUERÔA

9:30H *APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO*
"A HISTÓRIA DE TOPETUDO" DIREÇÃO DE TERESA
FALCÃO, COM ANA BARROSO E MÔNICA BIEL,
ATUALMENTE EM CARTAZ NO TEATRO ZIEMBINSKY

MESA REDONDA

10:30H **TEMA: A LITERATURA DRAMÁTICA**
ÀS DEBATEDORES: DUDU SANDRONI E LUCIA COELHO
12:30H MEDIADOR: SÔNIA MOTTA

TARDE

14H *DEPOIMENTO - FANNY ABRAMOVICH*

15H *OFICINAS*
ÀS **TEMA: ESTUDO COMPARATIVO: O TEXTO LITERÁRIO**
17H **E O TEXTO TEATRAL**
OFICINA 1: CELSO SISTO
OFICINA 2: CARLOS AUGUSTO NAZARETH
TEMA: DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE
E CRÍTICA TEATRAL
OFICINA 1: LUCIA CERRONE
OFICINA 2: BENITA PRIETO
TEMA: O TEATRO NA ARTE EDUCAÇÃO
OFICINA 1: SÍLVIA ADERNE
OFICINA 2: MÁRCIA FREDERICO

SEGUNDO DIA - 16/07

MANHÃ

MESA REDONDA
9H **TEMA: O TEATRO E A ESCOLA**
ÀS DEBATEDORES: CÉLIA BISPO E SURA BERDITCHEWSKY
12H MEDIADOR: BENITA PRIETO

TARDE

14H ÀS 17H *OFICINAS ** (AS MESMAS DO PRIMEIRO DIA)

TERCEIRO DIA - 17/07

MANHÃ

MESA REDONDA
9H **TEMA: O TEATRO E A EDUCAÇÃO**
ÀS DEBATEDORES: KAREN ACCIOLY E ILO KRUGLI
12H MEDIADOR: BERNARDO JABLONSKY

TARDE

14H ÀS 17H *OFICINAS ** (AS MESMAS DO PRIMEIRO DIA)

QUARTO DIA - 18/07

MANHÃ

9H ÀS 12H
APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
"OU ISTO OU AQUILO" DE CECÍLIA MEIRELES,
COM O GRUPO HOMBU.
DEBATE E AVALIAÇÃO

*** TODOS OS PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO TERÃO A
POSSIBILIDADE DE FREQUENTAR AS TRÊS OFICINAS,
UMA POR DIA, FECHANDO ASSIM O CICLO PARA O
DEBATE E AVALIAÇÃO.**

AS INSCRIÇÕES DEVERÃO SER FEITAS MEDIANTE A REMESSA DOS DADOS DO PARTICIPANTE E DO
COMPROVANTE DE DEPÓSITO DA TAXA DE R\$ 30,00 (TRINTA REAIS).

BANERJ - Ag. 001 MAIRINK VEIGA - C/C 001-05271-17 DE CARLOS AUGUSTO NAZARETH
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

AMBOS DEVERÃO SER REMETIDOS PELO FAX OU PELO CORREIO PARA:

I Seminário de Literatura Dramática e Teatro na Escola

Rua Vicente Licínio, 154

Tijuca - Rio de Janeiro - RJ

Cep 20270-340

FAX (021) 568.8912 / 567-6651



VERTENTE Publicações Assessoria,
Consultoria e Promoções
Culturais Ltda

APOIO CULTURAL





A MÚSICA NO TEATRO PARA CRIANÇAS?
A MÚSICA NO TEATRO PARA JOVENS?
A MÚSICA NO TEATRO INFANTIL?

Para tratar do assunto para o qual o JORNAL VERTENTE me convidou a escrever, me deparo com a primeira e inevitável dificuldade: o próprio título da matéria. É notória a ausência de clareza com que nos defrontamos quando tentamos definir faixas etárias no teatro... no teatro... para jovens.

Jovens? Que jovens? No meu tempo, e bota tempo nisso (nasci em 51, uma péssima idéia!), jovem tinha de mais ou menos 13 a mais ou menos 18 anos. Hoje, é lógico, um (uma) jovem dessa idade já é um tremendo marmanjo, que vem a ser um termo de meu tempo de jovem.

Mas, felizmente, para este segmento, criou-se o título "Teatro para Adolescentes". Podemos então reconhecer certos padrões de interesse e conduta, além de uma vaga escolaridade, para pensarmos texto, corpo, figurinos, música e etc.

Menos mal, mas continuamos na estaca zero, no que se refere aos outros interessados logo abaixo; isto é, de dois (sim, dois anos) a onze anos. Vocês podem imaginar o que remotamente podem ter em comum uma criança de dois e uma de doze anos?

A poesia, é claro. Uma mágica poesia que nos leva a navegar em seus ventos fortes.

Mas convenhamos, quantas peças temos visto ultimamente que se enquadram no universo poético que transcende todas as convenções, especialmente a cronológica?

A grande utopia seria então a busca deste encantamento coletivo? O mesmo misterioso fascínio arrebatando uma criança pequena e seu avô ali ao lado?

Não trato aqui de nenhum demérito para todos nós que procuramos uma expressão poética para determinada linha de pensamento. A grande maioria dos encenadores e autores têm em mente um público razoavelmente definido ao montar ou escrever seus textos.

Mas temo que as mães, essas grandes e admiráveis mecenas de nossa arte, não tenham a menor idéia do que se passa na cabeça de uns e outros. Do tijolinho para o teatro. Sem escalas.

Resultado: um espetáculo muito bem intencionado é subitamente interrompido pelo mais justo tropel da cavalaria mirim que promove propositadamente a maior desordem em desagravo à absoluta incompreensão e desinteresse frente à peça que ali se apresenta. Ou, no quase onipresente B.O. que segue o terceiro sinal, o berreiro vigoroso dos *menorezinhos* que se arrumaram todos para

ir ao teatro e foram cair justamente nas garras de um dos mais perigosos inimigos da classe: a terrível escuridão inesperada que já dá um bocado de trabalho à noite em casa.

A música segue esta linha de raciocínio. A sintonia do compositor/letrista com a direção e a dramaturgia do espetáculo são essenciais para uma compreensão coletiva dos objetivos. Se no dito Teatro Adulto já é muito complicada a opção de "música por encomenda" quero dizer, o músico, sem a presença constante nos ensaios e reuniões de mesa, eu diria que no Teatro para Crianças isto é impossível. A própria linguagem do simbólico, que atinge diretamente o coração e a mente de uma criança é a matéria da música, símbolos/notas musicais, letras/poemas que tratam do universo humano sem a estrutura formal e organizacional da linguagem, da construção intelectual de conceitos. Não que se deva ter um direcionamento simplista para a execução da tarefa musical. A sofisticação e a absorção dos elementos sensitivos por parte deste público privilegiado pelo caos harmonioso de uma certa inocência (portanto, maior liberdade de livre associação), são muito maiores do que nossa vã compreensão pode sequer imaginar.

Um exemplo pessoal foi a primeira vez que assisti à Suite Quebra Nozes, bem novo ainda, uns cinco anos, no Teatro Municipal. Creio que foi ali que a "mosca" me pegou. *Compreendia* tudo, *ouvia* tudo e não havia a quarta parede para me incomodar. Lá estava eu entre meninos, soldados, fadas e ratos. Aliás, creio me encontrar entre tais personagens até hoje.

O mesmo se aplica à melodia da Menina Maribel de Pluft, o Fantasmilha imortal (eis aqui uma bela redundância!) de Maria Clara Machado. Poderia ser um de meus inúmeros ROSEBUDS para quem viu Cidadão Kane. E era cantado à capela, singelamente.

Logo, não se trata de uma questão de arranjos simples ou não, música original ou não, música brasileira ou não, música ao vivo ou não. É claro que pessoalmente acho que a criação total da musicalidade de uma peça é o ideal, mas nas circunstâncias certas, possíveis. Mas Pessoa já não disse que tudo vale a pena, se a alma não é pequena?

Caíque Botkay
Músico

Mensageiro Virtual

**Tenha
diariamente um
mensageiro para
realização de
suas tarefas pelo
menor custo, com
maior agilidade**

➤ **CONTRATO MENSAL COM
DIREITO A 01 TAREFA/DIA,
OU 20 TAREFAS/MÊS, PARA
REGIÕES CENTRO/ZONA
SUL:**

**APENAS
R\$ 77,00**



**Agora também o serviço
express
sob medida para facilitar
ainda
mais seu dia-a-dia.**

**Quem já tinha o melhor
mensageiro, oferece agora
o melhor motoqueiro**

**Av. Nilo Peçanha, 50/1107
RJ - CEP 20.020-100
Fone: 533-2902
FAX: 262-0522**

Fazendo arte, fazendo pessoas

O aprendizado e o desenvolvimento através da arte

Cenas não muito raras no nosso dia-a-dia são as de crianças que fazem aulas de dança, teatro, ou qualquer outra forma de arte, e que a cada final de ano se apresentam com sua turminha, preocupadas em não errar tudo o que foi exaustivamente repetido e decorado durante as aulas, para pais orgulhosos e certos de que seus filhos são artistas. O que não costumamos perceber ou questionar são os métodos usados e se houve ou não um crescimento do indivíduo como pessoa crítica, sensível e criativa. Mas o que a arte tem a ver com a educação? Tudo. O ser humano é um instrumento em potencial, e seus sons, ritmos, gestos e voz expressam o que vive. A partir do momento em que se busca o aprendizado através dessas manifestações, quem aprende tem condição plena não só de se expressar, mas de acolher impressões e ouvir, ver e rever o mundo em que vive.

A arte-educação tem despertado o interesse de muitos profissionais, e existem espaços culturais que têm procurado mesclar esses dois setores, a princípio tão distantes e incompletos. Fazendo parte desse grupo ainda pequeno, o **Espaço Cultural Tocando em Você** funciona há nove anos na Tijuca e desenvolve um trabalho sério e abrangente.

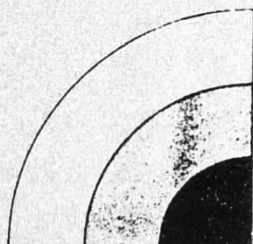
Criado pelo **Grupo Educart**, que surgiu há dez anos e é formado até hoje por uma pedagoga e quatro músicos, o **Tocando em Você** se divide em **Escola de Arte** e **Centro de Terapias Integradas**, oferecendo cursos livres de dança, teatro, música e outros, além de terapias através da arte. Partindo do princípio da educação pela descoberta e pela criação, é proposto ao aluno, seja ele criança, jovem ou adulto, uma formação artística e humana, pois ele vai aprender técnicas, desenvolver sua sensibilidade e descobrir no mundo da arte a sua identidade. Segundo os coordenadores dos cursos, não há a preocupação de se formar profissionais, nem ansiedade, pois cada um tem um ritmo e uma interpretação daquilo que está estudando. É importante que se descubram as diferentes aptidões e seja aberto um espaço para criar.

Dentro dessa filosofia, há muitos projetos que o grupo desenvolveu durante esses anos, destacando-se alguns deles por seus ótimos resultados aliando técnica ao subjetivismo de cada um. O **Sinfonia Urbana** consiste na gravação de sons típicos da cidade do Rio de Janeiro, para mais tarde o aluno selecionar aquele com o qual se identifica e mostrar que forma (artes plásticas), movimento (dança) ou notas musicais (música) ele tem, além de utilizá-los para uma campanha de

conscientização da poluição sonora dos grandes centros urbanos. Os deficientes auditivos contam com o **Projeto Sentir**, que é formado por uma interação de pedagogia e arte, em que a criança aprende a Língua Brasileira de Sinais, se comunica e se organiza intelectualmente, e onde se estimula o deficiente a fazer dança, teatro, música... O mais interessante neste curso é a oportunidade que ele oferece a seus alunos de participar de um coral misto de surdos e ouvintes, integrando o canto com a linguagem teatral. Partindo da idéia de que a criança a partir dos três anos é simbólica, o curso **O Teatro na Sala de Aula - Para Quem Quer Educar Com Arte** propõe que todo texto seja teatralizado, e para isso transmite noções de dramaturgia aos professores interessados. Utilizar técnicas das diversas linguagens artísticas em sala de aula possibilita um maior envolvimento do aluno, além de estimulá-lo como público consciente e assíduo de peças, concertos ou qualquer outro canal de expressão.

Boa parte da população ainda não percebe a importância da arte-educação, mas, tomando conhecimento da dinâmica desse e de outros espaços culturais, certamente a entenderá como fundamental no desenvolvimento do ser humano.

Fabiana Mello
Jornalista



**ESCOLA
SENADOR
CORREIA**

Fundada em 1874

Pré-Escolar (Integral) - 1º Grau - 2º Grau - Formação de Professores

A Escola Senador Correia, fundada em 1874, ocupa um prédio de sólida e tradicional arquitetura construída especialmente para ser escola, o que garante espaço apropriado e conforto ambiental para seus alunos. Aliando Tradição e Modernidade, seu trabalho pedagógico tem sido marcado, ao longo dos anos, por uma atuação que forma e informa seus alunos para serem autores da História. Acompanhando a evolução da educação, preocupa-se com o aprofundamento do ensino de língua estrangeira (inglês e espanhol) e de informática

RUA ESTEVES JÚNIOR, 42 - PÇA. SÃO SALVADOR - LARANJEIRAS - TEL/FAX: 556-0948 E 285-5995



INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA
FORMAÇÃO DE ATORES
CURSO PROFISSIONALIZANTE
E
CURSO DE FÉRIAS
JULHO 97

COM
CLEYDE YÁCONES
RÉGIS CARDOSO
BETH GOULART
ANA KFOURI
LEON GÓES
MARIA POMPEU
FLÁVIA PUCCI
CLAUDIO BALTAR
e grande elenco de professores

INTERPRETAÇÃO - BUTOH - VOZ
ACROBACIA - CLOWN - CORPO
INTERPRETAÇÃO P/ TV

Turmas também para
crianças e adolescentes

Rua Rumânia, 44
Tel.: 225-2384 / 556-3063
225-7809

"Tornar ainda mais nobre os
sentimentos do homem é a
missão da arte"
Mokiti Okada



Cursos

- Ikebana
- Cerâmica
- Tai-chi
- Yoga
- Desenho
- Pintura
- e outros

R. Gurupi, 154
Grajai
Tel.: 577-5526

DESCUBRA A ARTE GOSTOSA NO TEAR

CRIANÇAS E JOVENS

- Artes Integradas • Teatro •
- Artes Plásticas • Acrobacia •
- Vídeo • Música e muito mais ...
- COLÔNIA DE FÉRIAS
Julha, Dezembro, Janeiro, Fevereiro

EDUCADORES

- Artes Integradas na Educação
de 8 /08 a 22 /11
sábados de 8 às 12 h
- Arte na Pré-Escola
de 18 /08 a 20 /10
segundas de 19:30 às 21:30 h
- Arte de Contar Histórias
de 20 /08 a 29 /10
quartas de 19:30 às 21:30 h
- Arte e Cultura Popular
dias 2 e 9 de agosto (workshop)

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:



R. Visconde de Itamarati, 22
Maracanã - Tel.Fax: 234-5590
<http://www.prodau.com.br/tear>

Espaço Cultural



literatura
dança
música
teatro
artes plásticas

DIREÇÃO
GRUPO EDUCART

RUA GENERAL ROCA, 518.
PÇA SAENS PENA
(PROX. AO METRÔ).
TELEFAX: 567-4378 E
284-0085

VOCÊ *vai* À VIII BIENAL DO LIVRO

O JORNAL VERTENTE ESTARÁ NA BIENAL COM UM STAND NO SETOR DE ESCOLAS - O VERTENTE E SEUS ANUNCIANTES - COM UMA TIRAGEM DE 35.000 EXEMPLARES, SENDO 10.000 COMO MALA DIRETA PARA PROFESSORES EM TODO O ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

GARANTA SEU ESPAÇO PUBLICITÁRIO E APAREÇA NA BIENAL

Jornal VERTENTE
Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - RJ
E-mail: vertente@infolink.com.br
Home-page: <http://www.infolink.com.br/~jornalvertente>

AEL•RJ

ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE LIVRARIAS/RJ

RUA DO IMPERADOR, 585 - SALA 5
PETRÓPOLIS, RJ
TELEFAX: (024) 243-6400

FORTALEÇA SUA ASSOCIAÇÃO

Associe-se Já.

De rainha má, bruxa e

61 anos de palco,

O Jornal Vertente teve a oportunidade de, por duas vezes, acompanhar Zilka Salaberry a entregas de prêmios, e festividades onde ela era a homenageada, fato que, com certeza, agrada a qualquer artista. No entanto, a homenagem que Zilka recebe é diária e contínua. O motorista do táxi que nos leva ao aeroporto que se emociona de levar D. Benta em seu carro. A entrada no corredor do avião onde todos a aplaudem e o vizinho de cadeira que pergunta. “A senhora é mesmo a D. Anastácia?” E ela responde com o mesmo carinho com que responde a todos. “Não. Eu sou a Benta. A Nastácia é a outra.” Depois das festividades, no Posto 24 horas onde paramos para comprar biscoitos é aplaudida em plena noite paulistana pelos jovens que formam uma ala, do carro ao self-service. É impressionante assistir cenas como a de uma adolescente cair em prantos durante um longo abraço. Ela dizia repetidamente: “A senhora é a vó que eu não tive...” Zilka Salaberry se tornou, com certeza, o símbolo da grande vó, da grande bá, que temos todos internalizado. É um símbolo nacional - e o povo a cerca com um enorme carinho ao qual Zilka responde com seu imenso carisma. Da família artística Nazareth, a sobrinha de Ernesto Nazareth, neta do grande ator Cândido Nazareth, filha de Luiza Nazareth, radioatriz inesquecível, e irmã de Lourdes Mayer - estrelíssima da TV Tupi, na década de 50 - nos fala um pouco de sua vida e de sua carreira.



Zilka: Eu fui criada por minha avó. Eu vejo teatro desde os três anos de idade. Naquela época se freqüentava teatro demais, principalmente minha família. Aquela ida ao teatro era quase que diária e eu assistia a tudo. Antigamente havia mais amizade, respeito. “Ah... é a filha da Luiza, neta do Nazareth!” Era uma coisa... era quase uma glória, não sei te explicar.

V: Você conheceu todos os grandes artistas da época, não?

Z: Ah... eu chegava na porta do teatro com a empregada e dizia: Eu sou neta do Cândido Nazareth. Eles na mesma hora me buscavam, me colocavam no camarote. Assim eu conheci, por exemplo, Dona Itália Fausta - grande atriz trágica - ela era amicíssima de meu avô. Meu avô tinha loucura por ela. Eu assistia tudo.

V: Dessa forma o caminho para se tornar atriz foi natural, então?

Z: Foi natural. Primeiro minha avó não queria de jeito nenhum. Eu sou formada em Economia no

Colégio Santos Anjos, na Tijuca. É, sim senhor... e minha avó não queria que eu fosse atriz, não por preconceito, claro, mas pela incerteza da vida artística. Mas o teatro para meu avô era um templo, minha mãe foi uma atriz maravilhosa, Luiza Nazareth, uma atriz maravilhosa...

V: Suas duas irmãs também são atrizes, seguindo a tradição...

Z: Lourdes Mayer é uma atriz maravilhosa. Alair Nazareth também é uma belíssima atriz, mas foi quem menos trabalhou. Largou a carreira, não teve essa coisa como Lourdes e eu. Eu estreei em 36 e não larguei nunca mais.

V: Com que peça você estreou?

Z: “Deus” do Dr. Renato Viana. Tinha um gênero diferente, mais apurado, refinado, mais rebuscado. Mas era alucinado por teatro. Aí eu conheci Mário Salaberry, que viria a ser meu marido - ele era o galã da Companhia...

V: Nessa época as companhias eram enormes...

Z: Eram... tinha a 1ª atriz, a 2ª atriz, a mocinha, a ingênua, tinha a dama-galã, tinha a estrela, tinha a dama central, tinha a caricata, Dos homens tinha o rabulista... entendeu?

V: A companhia, então era do Dr. Viana...

Z: Era, claro. Naquele tempo as companhias todas eram dos atores. Não tinha ninguém bancando, patrocinando, não. Não tinha esse negócio de “Ah... eu vou arranjar 20 mil ali...” Não... Ninguém ajudava. A gente entrava pro teatro carregando bandeja. E você não se importava. Era assim. Pelo contrário, você tinha o maior orgulho de ir subindo gradativamente na sua carreira.

V: E depois de 36, como foi?

Z: Dulcina! Eu trabalhei com ela em 39, ela tinha vindo da América do Norte, veio e trouxe a novidade do sem ponto, foi ela que trouxe a novidade de abolir o ponto, não foi o Ziembinsky, como dizem. Ela ditava moda. Dulcina era o máximo - e sem nenhuma máquina promovendo ela. Talento só. Talento dela. Os atores todos daquela época não se faziam pela mídia. Era o

bicho à suave Dona Benta

talento e sucesso



talento. O talento mesmo e que durava anos seguidos. Dulcina é a pessoa mais injustiçada que eu vejo no Brasil. Trabalhei com Procópio, com Dulcina, meu Deus, tanta gente. Ziembinsky...

V: O teatro foi o seu berço. E a televisão?

Z: Ah... Isso já foi década de 50, foi ontem. Estreei no programa Câmera 1 do Jaci Campos. Porque a minha entrada pra televisão - eu jamais pensei que fosse fazer televisão - foi difícil. Naquela época a Lourdes era estrelíssima da Tupi e a Lourdes... meu Deus do céu... o que a Lourdes batalhou pra eu entrar em televisão! Meu marido havia morrido de desastre e eu estava numa fase desanimada, que durou uns sete anos... Eu estava largada... Acho que fui a primeira hippie - roupas largas... Eu achava que nunca ia entrar em televisão. A gente tem que ter muita força de vontade. Não se pode desistir.

V: E quando foi sua primeira oportunidade?

Z: "Um beijo nas trevas", com Lourdes Mayer e Ribeiro Fortes. E tinha uma enfermeira. E Lourdes pediu o papel pra mim ao Jaci Campos. O Jaci disse: "mas só tem uma falinha..." A Lourdes disse "ela não se importa. Ela quer entrar." No ensaio eu pedi ao Jaci: "esquece meus vinte e tantos anos de teatro". Foi minha estréia: "Sim, doutor" Mas eu tinha carisma pra televisão e daí foram surgindo

outros convites. Graças à minha memória eu entrei pro Grande Teatro do Sérgio Brito, substituindo a Fernanda na peça Carrossel. Na Globo entrei em 67, para fazer uma ponta maravilhosa na Rainha Louca. Fiz uma mendiga. Eu posso dizer de boca cheia que na TV me adoram realmente, eu não sei, deve ser alguma coisa que passa de mim para o público pela TV.

V: Na TV, no teatro, na rua, seu carisma é indiscutível.

Z: Depois de Rainha Louca fiz Mulheres de Areia, onde eu fazia a mãe do Tarcísio, no Grande Teatro eu fiz uma passagem, com Cacilda, na última peça que ela fez no TBC "Adorável Júlia". Isso foi fantástico. Era 59, 60. Nesse meio tempo teve o Teatrinho Trol, O Teatro de Comédias da Tupi e outros tantos. Na década de 60 eu participei do Teatro dos Sete com a Fernanda Montenegro, Gianni Ratto, Ítalo Rossi, Sérgio Brito, estreando com O MAMBEMBE, no Teatro Municipal. A minha última peça foi quando eu estava fazendo Irmãos Coragem. Era um espetáculo com o Ari Fontoura, Adriano Reis, e Maria Cláudia. Eu não consegui conjugar as duas atividades: teatro e televisão. Alair, minha irmã, me substituiu. Depois vieram os netos e o Sítio. Aí não dava mesmo. Trabalhávamos onze meses por ano, de manhã à noite, todos os dias, não havia folga.

V: O sucesso do Sítio era uma coisa esperada?

Z: Para o Casé acho que sim. Pra mim, não. Antes do Sítio o Casé fez um teste com o Pluft - que praticamente estreou aquele horário. Nós gravamos o sítio durante um ano sem ir ao ar. Graças a Deus a Globo não quis fazer do sítio um sítio moderno - este talvez tenha sido o grande segredo do sucesso.

V: Como foi o convite para fazer o Sítio?

Z: Convite? Eu fui escalada. Eu estava fazendo uma novela. Senhora. Quando ouvi uns rumores de que eu ia fazer a D.Benta do Sítio, eu disse: *O que? De jeito nenhum!* Eu só fazia rainha má, bruxa e bicho no Trol. É isso que eu gostava de fazer. É isso que eu vibro. Minha mãe havia feito a D.Benta no Trol. Jamais eu pensei em fazer D.Benta. D.Benta pra mim é um mistério.

V: Como assim?

Z: Eu não tenho nada de D.Benta. Aquela calma... a não ser o amor pelos netos. Isso sim. No primeiro ano eu sofri muito - eu não sabia o que estava fazendo - porque eu não gosto de ver nada enquanto gravo, aos pedacinhos, e como eu te disse

nós gravamos o Sítio um ano, sem ir pro ar. Um dia, eu estava tão perturbada que o Herval disse: "Zilka, vai lá em cima e fala com o Borjalo". E eu disse pro Borjalo: "Eu não posso. Não quero fazer! Pelo amor de Deus!" E o Borjalo perguntou: "Que é isso, Zilka? Tá maluca?" E eu só repetia: "Não, não quero, pelo amor de Deus." "Zilka, o Bôni está te dando um presente" me disse o Borjalo. Eu entrei em pânico. Eu achava que não podia fazer. Veja como as coisas ficam. Como o Sabag, no Trol, não havia deixado eu fazer e foi chamar minha mãe... eu achava que eu não podia fazer! Aí ele disse: "Zilka, senta, vou te mostrar uma coisa." Era um bilhete. ZILKA SALABERRY. IMPRESCINDÍVEL. BÔNI. Eu desci arrasada: "Vou me estrear toda."

V: E aí...

Z: E era mato, que eu não entendo nada. Odeio! Quer me enluquecer, me manda passar dois dias num sítio. Enquanto eu amo o mar...

V: E depois desse primeiro ano?

Z: Eu não tinha noção do que estava fazendo. No dia da estréia a gente assistindo, meu coração parecia uma locomotiva. Quando eu vi, veio um banho de alvío. Era uma coisa! Até hoje não entendo. Eu estava uma onça e ia gravar e saía aquela coisa doce. Porque toda a vida eu imaginava D.Benta de escuro, xale, cabelo raquítico... como eu havia visto as atrizes fazerem. Eu disse: D. Benta não é isso. D. Benta é uma mulher feliz, saudável. Tem um sítio maravilhoso, come do bom e do melhor, tem uma empregada maravilhosa, netos maravilhosos. Ela é uma mulher feliz.

V: Depois do sítio você voltou às novelas em "O Outro"...

Z: "Araponga"... a mini-série "Teresa Batista Cansada de Guerra." Fiz "Engraçadinha."

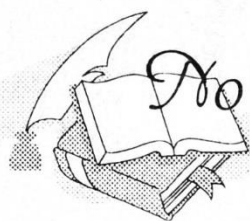
V: E hoje?

Z: Hoje? Hoje eu não faço nada.

V: E queria retomar o trabalho?

Z: Queria muito fazer uma novela. Eu gosto de trabalhar, estou forte. Não tenho nada. Saudável. O público está com saudades de mim, que eu sei...

Entrevista concedida a Gustavo Paso



No colo das cadeiras de balanço

Léo Cunha

Esta crônica foi publicada originalmente no jornal
O TEMPO, de Belo Horizonte.

O que será dos futuros poetas, que não se embalarão no colo das cadeiras de balanço? Quando escrevi isso num poema, há mais ou menos dois anos, minha inquietação maior era com a geração, ou as muitas gerações, de crianças que passam o dia diante da TV paradas, olhos fixos na tela, mãos catando pipoca na vasilha transparente de "tupperware".

Pensava nessas crianças que ficam sentadas no sofá, ou no chão mesmo, quando não sobra espaço na sala. Na rua, não podem brincar por medo de carro, ônibus, moto, pivete, ladrão, vento, friagem. Resultado: acabam em casa, estáticas, sem sequer se embalarem no ritmo gostoso das cadeiras de balanço (que por sinal andam sumindo do mapa).

O que será dessa meninada no próximo século?

Consgo imaginar duas respostas bem diferentes, e mesmo contraditórias. A primeira, mais pessimista, prevê para o próximo século um cenário sem livros, ou onde os livros sejam objetos exóticos, uma excentricidade de colecionadores. Este cenário já está anunciado em grande parte das crianças e jovens que, entre um livro e a MTV, entre um poema e o CD-ROM, preferem quase sempre a MTV e o CD-ROM – como bem disse Luís Giffoni em seu último livro *Encontros*.

Essa turma se acostumou a sensações rápidas, instantâneas, que se encontram escancaradas nos meios audio-visuais. Já o livro (assim como as cadeiras de balanço) aposta na lentidão, na calma, na introspecção. O leitor precisa mergulhar atento em páginas que não brilham, não se transformam constantemente, não obedecendo a controles remotos.

Mas uma resposta mais otimista também cabe. Podemos imaginar uma literatura que incorpore elementos dessa época ultravisual, tecnológica, dinâmica, interativa. Ou que se incorpore nessa época. Este ponto de vista vem conseguindo adeptos até em trincheiras tradicionais da literatura. O crítico George Steiner, por exemplo, vem repetindo, para quem quiser ouvir, que o futuro da literatura depende de sua associação com as novas formas de comunicação tecnológicas e com as possibilidades da realidade virtual.

Estará nascendo, portanto, uma literatura interativa e hipertextual, uma hiperliteratura, ou como quer que se queira chamar. Esta forma de arte criaria sua narrativa e sua poesia não mais segundo o modelo encadeado do livro, e sim o modelo não linear, disperso, fractal, das telas da internet, ou de um CD-ROM.

As duas visões parecem inconciliáveis. Uma apocalíptica, outra integrada, diria Umberto Eco. Mas, cá no meu canto, fico procurando um equilíbrio entre elas. E torço para que a tal hiperliteratura não se contente em criar obras onde o leitor apenas "viaje" (no sentido mais estreito do termo, que é o de "navegar" pelas "janelas" de um programa). A viagem ideal não pode se limitar ao jogo reativo, estilo videogame, onde o leitor encontra uma série de soluções pré-determinadas, escolhe uma e segue em frente. Para se manter literária, essa vigem deve aliar ao lado lúdico a fantasia, a reflexão, o mergulho, a invenção. Atividades, todas, que requerem tempo.

As velhas cadeiras de balanço, com sua vagareza, seu vaivém, suas histórias, ainda têm muito a nos inspirar.

FAÇA A SUA ASSINATURA!

TRIMESTRAL - R\$ 15,00

SEMESTRAL - R\$ 30,00

Envie seus dados e um cheque nominal
a Carlos Augusto Nazareth Prod.:

Artísticas Ltda.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - Rio de
Janeiro -

Cep 20270-340 - Tel.: 568-8912

JORNAL VERTENTE

NOME:

ENDEREÇO:

BAIRRO:

CIDADE:

ESTADO:

CEP:

TIPO DE ASSINATURA:

TRIMESTRAL

SEMESTRAL

História Aberta

Rede Nacional de
Contadores de Histórias
Grupo Morandubetá

✉ Carta ao Vertente

"Tomei conhecimento do *Jornal Vertente*, através de um amigo, quando de passagem pela cidade. Achei excelente a idéia da página dedicada à História Aberta, pois sou um "contador de causos" de minha cidade. Solicito informações de como poderei enviar minhas estórias ou idéias a respeito do assunto, sem compromisso." José Pereira Lima - Guararapes/SP

✉ Resposta

A primeira carta a gente nunca esquece! Obrigado José! Estamos ansiosos por conhecer suas estórias e idéias, escreva prá gente. E para um "contador de causos" sugerimos a leitura de "A paixão de dizer" de Eduardo Galeano, está em *O livro dos abraços*, Ed. L&PM.

Atenção

Você que é contador de histórias ou faz parte de algum grupo, mande seu material prá gente. Estamos criando o cadastro nacional de contadores de histórias para troca de experiências, informações, e o melhor: promover junto com o Vertente o I Encontro Nacional e Internacional de Histórias. Correspondência para o *Jornal Vertente* ou para o Grupo Morandubetá Rua Hermenegildo de Barros nº 8 /401 Glória Rio de Janeiro RJ CEP 20241-040. Se preferir utilize o E-mail: vertente@infolink.com.br

"A final, que vírus é esse que se apropria da gente e depois de confortavelmente alojado em cada uma de nossas células nos leva a uma busca incessante de transformação?

Resgatar o sentimento de fraternidade, propiciar desenvolvimento pessoal e social firmados em princípios de liberdade e possibilitar um profundo mergulho no que existe de mais genuíno dentro de cada SER humano é o que buscam espaços culturais como A Casa do Aprendiz, totalmente possuída por esse 'vírus'. Será o amor? Sei lá... Seja o que for, que iluminem nossos caminhos."

Christiane Silva Araújo
A CASA DO APRENDIZ



A CASA DO APRENDIZ

Workshop:

"Dançando com sua Sombra" com Charlie Bloom

Esse Workshop foi especialmente elaborado para ensinar aos participantes a acessar o potencial de cura dos relacionamentos no sentido de transformar nossas relações conosco e com os outros.

Através de processos interativos, exercícios, meditações e diálogos os participantes se familiarizarão com algumas técnicas necessárias para fazer esse trabalho nas suas vidas diárias.

Charlie é terapeuta e vem ministrando seminários há mais de vinte anos, sempre voltados para a melhora dos relacionamentos pessoais. Ministra trabalhos no Instituto Esalen em Big Sur e no Institute of Integral Studies na Califórnia, entre outros.

É sua primeira vinda ao Rio exclusivamente convidado por nós para ministrar esse workshop.

A CASA DO APRENDIZ

Dias 25, 26 e 27 de julho (6ª, sábado e domingo) - traduzido -

Local: Ladeira do Acurra, 115 casa B - Cosme Velho - Rio de Janeiro

Telefones: 205-9743 - 225-0089 - 987-2533

Investimento: R\$ 180,00, inclui inscrição e refeições dos três dias

Palestra aberta ao público no dia 22 de julho às 20:00h



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ESPORTE
FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ

CASA DE CULTURA LAURA ALVIM

NA LAURA ALVIM VOCÊ ENCONTRA UMA AMPLA
PROGRAMAÇÃO CULTURAL

VÍDEO - CINEMA DIARIAMENTE - LANÇAMENTO DE LIVROS
ARTES PLÁSTICAS - CURSOS DIVERSOS - SOUVENIR CULTURAL
TEATRO ADULTO, INFANTIL E EXPERIMENTAL

ANOTE AS EXPOSIÇÕES DO MÊS DE JULHO
"OS VISITANTES" . MIRIAM JERUSALMI - DE 03 A 30/07
"PAPEL 3" . COLETIVA DE NINA ROSA, EVANY E ILEANA
HOCKMANN - DE 09 A 30/07

AV. VIEIRA SOUTO, 176 - IPANEMA - CEP 22420-000
TEL.: 267-1647/287-2285

INTERNET: <http://www.netmídia.com.br/lauraalvim>



CASA DA GÁVEA

PEDRO VASCONCELOS
crianças e adolescentes

CAMILA AMADO
adultos

PAULA WENKE
terceira idade

inscrições abertas

informações : 239-3511

Pça. Santos Dumont, 116 - Gávea



EXPOSIÇÃO GARY HILL
O LUGAR DO OUTRO

EXPOSIÇÃO REUNINDO AS MELHORES INSTALAÇÕES E ESCULTURAS DO NORTE-AMERICANO GARY HILL, UM DOS MAIORES NOMES DA ARTE ELETRÔNICA. GARY HILL É CONHECIDO MUNDIALMENTE POR SUAS OBRAS, QUE INVESTIGAM A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E LINGUAGEM. OS TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS INCLUEM, ENTRE OUTROS, "TALL SHIPS", QUE ENVOLVE O USO DE COMPUTADORES, LASER DISCS, CÉLULAS FOTOELÉTRICAS E UMA GRANDE QUANTIDADE DE MONITORES E PROJETORES DE VÍDEO, E PERMITE ALGUM TIPO DE INTERATIVIDADE. EM SUMA, A VANGUARDA EM TERMOS DE INSTALAÇÕES.

DE
JULHO A SETEMBRO

LOCAL
SALA A

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua 1ª de março, 66 - Rio de Janeiro
Tel.: 216-0278



PRÊMIO JABUTI

FINALISTAS - 1ª FASE

LIVROS INFANTIS OU JUVENIS

• *ADOLESCENTE POESIA*
SYLVIA ORTHOF - EDIOURO

• *BENEDITA CASA MALDITA*
CECILIA VASCONCELLOS - FTD

• *ESTA FORÇA ESTRANHA*
ANA MARIA MACHADO - ATUAL

• *HISTÓRIAS FOLCLÓRICAS DE MEDO...*
RICARDO DE AZEVEDO - SCIPIONE

• *MENINO DO RIO DOCE*
ZIRALDO - CIA DAS LETRINHAS

• *O BORDADO ENCANTADO*
EDMIR PERROTTI - PAULINAS

• *QUEM EU?*
JOSÉ PAULO PAES - ATUAL

• *SEIS VEZES LUCAS*
LYGIA BOJUNGA NUNES - AGIR

• *UM PASSARINHO ME CONTOU*
JOSÉ PAULO PAES - ÁTICA

• *UMA PALAVRA SÓ*
ÂNGELA LAGO - MODERNA

ILUSTRAÇÃO DE LIVRO INFANTIL OU JUVENIL

• *ANJO MESMO*
ANGELA LEITE SOUZA
AO LIVRO TÉCNICO

• *COLEÇÃO QUE BICHO SERÁ?*
ROGER MELLO - NOVA FRONTEIRA

• *COMADRE FLORZINHA CONTRA A MULA...*
HELENA ALEXANDRINO - ÁTICA

• *JOSELITO E SEU ESPORTE FAVORITO*
MARILDA CASTANHA
NOVA FRONTEIRA

• *MAS QUE BICHO LAGARTIXO*
DULCE OSINSKI - BRAGA

• *O BORDADO ENCANTADO*
HELENA ALEXANDRINO
PAULINAS

• *O PRESÉPIO DO PIRIPAU*
GERUZA HELENA BORGES
TERRA

• *OS DOIS GÊMEOS*
RUI DE OLIVEIRA - ÁTICA

• *RIMAS NO PAÍS DAS MARAVILHAS*
MARIANA MASSARANI - ÁTICA

• *UM PASSARINHO ME CONTOU*
KIKO FARKAS - ÁTICA



CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

Premiação dia 15 de agosto às 19:00h durante a Bienal

Lançamentos Ediouro 1997



A cobra e o grilo
Graziela Bozano Hetzel



Fada Fofa e os sete anjinhos
Sylvia Orthof

O melhor
da literatura
infantil e juvenil



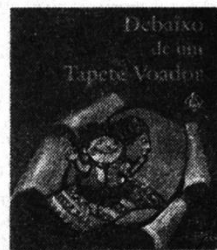
O livro que ninguém
vai ler
Sylvia Orthof



O bezerro de ouro
José Louzeiro



O avô, o menino e...
Patricia Gwinner



Debaixo de um tapete voador
Leo Cunha



Educação



Imperatriz no fim
do mundo
Ivanir Calado



Dicionário de humor
infantil
Pedro Bloch

Rio - Tel: (021) 560-6122 S. Paulo - Tel. (011) 549-4077

À VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS

A literatura, o computador, a internet e o livro



ONDE ESTÁ A REVOLUÇÃO?

O computador tem sido um bom companheiro para minhas experimentações com o livro. A minha sensação é, cada vez mais, a de que o computador é o instrumento das novas mídias. Não do livro.

A informática certamente favorece algumas experimentações na área do projeto visual, e facilita barbaaramente todo o trabalho. Mas para o livro, talvez seja só mais um instrumento: não revoluciona a linguagem. A revolução do computador está acontecendo (ou deve acontecer, ou será que já aconteceu?) no próprio computador. Mais especificamente, na Internet. E talvez o seu reflexo no livro seja, comparativamente, muito tênue.

É que o livro nasceu pronto. Na metade do milênio, logo após a invenção da impressão, já temos trabalhos, diagramados tipograficamente, cuja complexidade e qualidade gráfica ainda deixa boquiaberto o mais criativo e equipado diagramador contemporâneo. Difícil reinventar o livro. Na verdade, quem trabalha com sua programação visual não cessa de admirar essa invenção. E as novas mídias só vêm acentuando suas possibilidades e permanência.

Por certo, o que há de melhor na Internet é que ela se tornou uma grande livraria. Segundo alguns, a Livraria com maiúsculas, onde se encontra qualquer coisa que se procure. Exagero? Pode ser. O fato é que venho encontrando catálogos e mais catálogos de livros. O Cyber-monstro é enorme e com muitas cabeças. Num conto, seria o terror absoluto: não conseguimos enxergar onde começa ou termina.

Minha impressão é a de que a gente se relaciona com a Internet como os cegos da parábola oriental. Apreciamos o elefante e o descrevemos como sendo o pedaço que nossa mão toca. Eu apalpo a terceira unha da pata esquerda de trás e algumas vezes fico

irritada: parece pesada. Navegar soa leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade (as propostas de Calvino para o novo milênio). E por enquanto, na maioria das vezes, os sites da Internet estão muito longe disso.

Vou percebendo como, em relação ao livro, o computador já não me interessa tanto. Antes não era assim. No final dos anos 80 tentei, de maneira tímida e canhestra, recusar a divisão entre texto e imagem. Considerar a possibilidade de desenhar com a tipografia e escrever com a ilustração. Tentei ainda usá-lo para fazer parcerias tresloucadas nos desenhos, colocando no scanner artistas da minha admiração, como Dürer. Nessa época, o computador era para mim uma ferramenta fundamental.

Ainda é, quando minha preocupação é a conjugação do texto e imagem. Ainda é, também, quando a intenção é baratear custos ou ter um domínio maior sobre a produção dos filmes. Continua sendo, a maior parte do tempo, minha prancheta de trabalho e às vezes um pincel inusitado. Mas, ultimamente, cada nova pergunta que me coloco em relação ao livro para crianças me faz voltar aos antigos pincéis ou lápis.

Essas novas perguntas se referem muitas vezes a pequenos detalhes do objeto livro. Minha pesquisa por algum tempo foi como aproveitar a dobra no meio da folha, acentuando a emoção e a plasticidade do desenho no livro, no momento em que a página é passada pelo leitor. Colocar, por exemplo, nessa dobra a quina mais profunda, para acentuar uma perspectiva, ou o joelho de um personagem, para acentuar o seu movimento. E essa pesquisa foi feita basicamente no papel, trabalhando o boneco (a maquete) do livro com as páginas já dobradas.

É também no papel que venho me colocando perguntas mais abrangentes sobre a ilustra-

ção. Acredito que em geral o ilustrador se propõe a ser um leitor e, portanto, co-autor. Mesmo que faça isso das mais diferentes maneiras. Tentando ilustrar o não-dito do texto. Tentando ser o terceiro do triângulo amoroso - o que seduz o leitor para o livro. Tentando acentuar um ou outro momento da história e criar um ritmo visual para a narrativa.

No meu último livro publicado - Pedacinho de Pessoa - procurei um caminho que, pelo menos para mim, era completamente novo. O de tentar traduzir uma linguagem em outra linguagem. É, sem dúvida, o mais pretensioso dos meus trabalhos. E de princípio um trabalho que se frustra pela própria intenção: a de buscar uma impossibilidade. Talvez por isso só assino os desenhos na contracapa. E a capa já é bem tímida.

Sei lá o que penso do mundo. Mas uma coisa sei: a linguagem verbal não é traduzível para a visual. São duas formas de pensar diferentes. Não sei se valeu a pena para o leitor, essa minha tentativa absurda. Espero que sim, e que de alguma forma o livro sirva para aproximar a criança de um dos maiores poetas da língua portuguesa. Para mim, valeu a pena.

Agora, para variar, vou voltar a desenhar no computador e contar uma história bem simples, dessas que tia conta para sobrinho-neto. Afinal, o computador tem sido um bom companheiro. E é sempre mais leve e descompromissado trabalhar com ele. Desenhar e diagramar no computador é mais ou menos como usar um processador de texto. A possibilidade do *cut and paste* nos deixa sempre menos ansiosos e mais dispostos a ir levando o nosso pensamento ao deus-dará. Como, aliás, acabou saindo esse artigo - pensamento ao léu. Que o leitor me perdoe.

Ângela Lago

Escritora e Ilustradora

Arte  Br!nCar

Brinquedos Educativos

Ocupe o seu filho com o que há de mais criativo e inteligente

Catete 228

Rua do Catete 228 Loja 220

Tel/Fax: (021)225-9501 ou (021)556-1672

Aceitamos Cartão

ANUNCIE

AQUI

TEL.: 568-8912

Olá, leitores!

Minha família, num acalorado jantar, discutia a campanha "Quem lê, viaja" com aquele animado e irritante jingle: "Leia, leia, leia mais". Nos perguntávamos se o massacre da mídia nos olhos e ouvidos das pessoas realmente provoca o interesse pela leitura. Eu sei como foi difícil fazer de minha filha uma leitora, numa casa onde as condições eram externamente favoráveis. Com certeza é preciso muito mais que uma campanha de fachada. Ao final lembramos de uma frase antiga "Um País se faz com homens e livros". Ora, nós temos homens, mulheres, crianças e livros, então porque não temos um verdadeiro País?

Até sempre, Margarida Lobato.

Sugestões

A galinha ruiva

Recontado por Elza Fiúza; ilust. Leninha Lacerda.
São Paulo: Moderna, 1996.

Como contar crocodilos

Margaret Mayo; ilust. Emily Bolam. Tradução Heloisa Jahn.
São Paulo: Cia das Letrinhas, 1996.

Guilherme Augusto Araujo Fernandes

Mem Fox; ilust. Julie Vivas. Tradução Gilda de Aquino.
São Paulo: Brinque-Book, 1996.

Histórias para acordar

Diléa Frate; ilust. Eva Furnari.
São Paulo: Cia das Letrinhas, 1996.

Longe como o meu querer

Marina Colasanti; ilust. Marina Colasanti.
São Paulo: Ática, 1997.

Moça perfumosa, rapaz pimpão

Daniela Chindler; ilust. Nássara.
São Paulo: Paulinas, 1996.

O Abraço

Lygia Bojunga Nunes; ilust. Rubem Grilo.
Rio de Janeiro: Agir, 1996.

O dia do curinga

Jostein Gaarder; trad. João Azenha.
São Paulo: Cia da Letras, 1996.

O presépio do Pípiripau

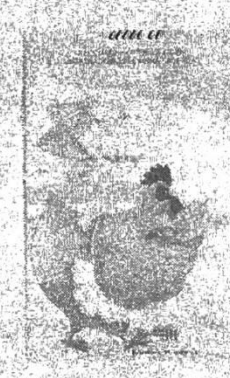
Geruza Helena Borges; ilust. Geruza Helena Borges.
Belo Horizonte: Terra Editoria, 1996.

Um passarinho me contou

José Paulo Paes; ilust. Kiko Farkas.
São Paulo: Ática, 1996.

A galinha ruiva

Toda criança gosta de histórias rimadas, pois têm sonoridade, ritmo e parecem uma brincadeira. Esta foi a forma que Elza Fiúza escolheu para recontar a fábula "A galinha ruiva" que, possivelmente, tem sua origem na África. O humor presente em todo o texto é reforçado, principalmente, pelo refrão que se repete até o final. A moral, contida na história, que combate a preguiça e o ócio, fica bem resolvida na trama e no desfecho. Os leitores com alguma experiência de leitura vão ler muitas vezes este livro. Também vão se divertir com os personagens galinha, porco e pato, criados pela ilustradora, que são ingênuos e ao mesmo tempo engraçados. Uma ilustração hilária traz o porco vestido de Zorro e o pato de cowboy. Esse "conto exemplar" faz parte da coleção Clássicos Infantis da Moderna e agrada sempre.



Histórias para acordar

Em maio o livro "Historias para acordar" recebeu o certificado de Altamente Recomendável para crianças da FNLIJ. Aliás muito merecido, pois é bem escrito e ilustrado, além do excelente projeto gráfico e o papel de primeira. Resumindo: um excelente objeto-livro. São histórias para leitores com alguma experiência de leitura que podem ser lidas antes de dormir, principalmente, por aqueles que gostam de histórias curtas. Existem muitos personagens que fazem parte do cotidiano da nossa casa, como: o Caco Meleca, a Stela Stress, o Paulinho Porco. As histórias parecem ter sido criadas por Diléa para passar ensinamentos para as crianças, mas com uma roupagem totalmente moderna. O livro tem agilidade, conteúdo enxuto e ao mesmo tempo profundidade nas questões levantadas. É leitura saborosa para todos da família e um bom divertimento para as férias escolares.

HISTÓRIAS
PARA ACORDAR



Longe como o meu querer

"Gosto de economia, dizer o máximo com o mínimo, o texto bem enxuto. E me ajoelho diante de uma bela metáfora". Essas palavras de Marina Colasanti bem demonstram o trabalho de estiva que desenvolveu para chegar ao primor e encantamento dos contos de seu último livro, ganhador do prêmio Latino-americano Norma-Fundaleitura de 1996. Livro para leitor experiente ler e reler e depois se ajoelhar diante dessa escritora maravilhosa e suas incontáveis e inquietantes metáforas. Os contos penetram na alma, fazendo brotar sensações esquecidas que, pouco a pouco, são revisitadas. É a fantástica prosa poética que perturba o sono e alenta o coração. Esse coração roubado por Marina a cada história lida. E a palavra se completa com o próprio traço ilustrativo da autora a pontuar o livro, na medida exata, fazendo da imagem mais uma vez poesia. Me contaram que numa escola, quando Marina chegou, as crianças não sabiam quem era ela. Depois começaram a conversar e uma menina lhe disse: Quando você entrou na sala eu sabia que era uma artista só pelo jeito de tirar o casaco. Marina é com certeza, em todos os momentos, uma grande artista.

Notícias

Aconteceu de 26 a 28 de maio o I Seminário de Incentivo à Leitura de Teresina, organizado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Estavam presentes Marina Colasanti, o contador de histórias mineiro Roberto Carlos Ramos, Maria Alexandre de Oliveira, da Paulinas de São Paulo, e os especialistas em projetos de leitura do Piauí.

A I Feira Internacional do Livro de Pernambuco de 3 a 8 de junho, em Recife, esteve repleta de eventos: apresentação da Banda de Pífanos de Caruaru; homenagem a João Cabral de Melo Neto; teatro de Ronaldo Brito; aula-espetáculo de Ariano Suassuna; sessão de autógrafos de Afonso Romano de Sant'Anna, Mary e Eliardo França, Pedro Bandeira...

Foi inaugurada em 25 de junho a primeira Saraiva Mega Store do Rio, na Rua do Ouvidor 98, Centro. Dividida em três andares, a loja dispõe de 90.000 itens entre livros, periódicos, produtos de multimídia, papelaria, CD's e vídeo. Para maior comodidade, existe no piso térreo o charmoso Coffee & Book com café, lanches e bebidas.

Uma atividade, inédita no Brasil, marcou Belo Horizonte de 4 a 9 de junho. Foi a compra do acervo de literatura infantil para organização dos Cantinhos de Leitura das escolas que participam do ProQualidade - Projeto de Melhoria da Qualidade na Educação Básica em Minas Gerais. Dois representantes de cada escola da rede estadual, de CBA a 4ª série, escolheram os livros entre os 1000 títulos selecionados pela SEE/MG. A feira aconteceu na Serraria Souza Pinto, e os professores também assistiram teatro, narração de histórias, interpretação de poesias e participaram de oficinas de leitura e como contar histórias.

Daniela Chindler é autora da coleção "Brasil bom de Bico", da Paulinas, que reúne histórias engraçadas do folclore. Fazem parte dessa série "A Festa no céu", "O homem que botou um ovo" (altamente recomendável para as crianças pela FNLIJ) e "Moça perfumosa, rapaz pimpão" com belíssimas ilustrações de Nássara, famoso caricaturista e compositor, que faleceu em dezembro de 1996, sendo seu último trabalho os desenhos deste livro.

Vertente - Quais as tuas histórias de infância?

Lembro de chorar muito ouvindo "O gigante egoísta" de Oscar Wilde, gravado num disquinho. Também ouvia histórias contadas por minha amiga Mônica, ela lia e depois me contava as que mais gostava. Outra lembrança

ZOOM

COM DANIELA CHINDLER



é "A árvore generosa" de que eu gostava muito.

V- E as primeiras histórias escritas?

D.S.-Na adolescência eu copiava frases de livros para a minha agenda. Essas frases serviam nos momentos especiais como... briga com um namorado. Depois escrevia algumas coisas na agenda e mostrava para o Mario Tranqueira que era amigo da minha mãe e jornalista. Ele dava seu parecer sobre os meus escritos da semana. Meu primeiro livro é dedicado a ele.

V- Tem livros no forno?

D.S.- Claro. Sairá pela Paulinas "A onça e a cabaça", ilustrado pela Mariana Massarani. Também tenho o projeto de uma coleção onde mulheres recontam e ilustram contos populares do mundo todo. Sempre trabalhando com o folclore, que eu gosto pela sonoridade e humor.



CURSOS DE FÉRIAS

- *INTENSIVO DE FÉRIAS DO STUDIO*
ESCOLA DE ATORES
ANTÔNIO AMANCIO E SONAIRA

- *"IMPROVISAÇÃO CÔMICA"*
CLAUDIA RODRIGUES

- *A TRAJETÓRIA DO ATOR: "DA RÁDIO NOVELA À TV A CABO"*
JOÃO CAMARGO

- *"PRODUZINDO SEU PRÓPRIO VÍDEO"*
JOSÉ ROBERTO SANSEVERINO

- *"QUANDO O ATOR-AUTOR SE ENCONTRA"*
MARIA MARIANA

- *"REPERTÓRIO CORPORAL E VOCAL P/ ATOR DE TEATRO E TV"*
SAMANTHA MONTEIRO

- *"INTERPRETAÇÃO E CASTING NA TV"*
MÁRCIO AUGUSTO

- *"INTERPRETAÇÃO PARA CRIANÇAS E 3ª IDADE"*
MARISTELA TRINDADE

Rua Alice, 256
Laranjeiras
Rio de Janeiro
Cep 22241-020
Tel./Fax: (021) 205-3689



VIII Bienal cria espaço inédito de debates entre profissionais da área

MAIOR EVENTO CULTURAL DA AMÉRICA LATINA TERÁ FÓRUM DE DEBATES REUNINDO PROFESSORES, BIBLIOTECÁRIOS E ATÉ TRADUTORES ESTRANGEIROS PARA DEBATER A CULTURA NO PAÍS

A Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro chega à sua oitava edição carioca passando por uma transformação em seu perfil. A partir deste ano, o evento (dias 13 a 24 de agosto) passa a ser não só o palco dos principais lançamentos do mercado literário, como também o espaço de encontro entre os profissionais que fazem do livro seu instrumento de trabalho. "Nossa intenção é tornar o evento referência para debates e discussões daqueles que vivenciam o livro em seu dia-a-dia", afirma Sérgio Machado, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Para isto, estão agendados os primeiros encontros com bibliotecários, profissionais de ensino e até tradutores estrangeiros, que prometem lotar o auditório Machado de Assis, no Riocentro.

A expectativa é de que mais de 800 profissionais de todo estado participem do Encontro, que durará dois dias, e além de palestras terá ainda oficinas de trabalho com temas ligados ao cotidiano dos professores. Controle do Stress; A Informática na Educação; Ler o Texto, Viver o Texto; Oficina de Contadores de História e ainda Oficina da Escrita são alguns exemplos do que os professores encontrarão no Encontro Bienal de Profissionais de Ensino. Nomes como o da jornalista Cora Rónai, a atriz Maria Pompeu, o filósofo Hermógenes e o grupo Confabulando estarão ministrando as oficinas. Debates e mesas-redondas completam a programação do evento. O encerramento, marcado para o dia 16 de agosto,

contará com atrações especiais: o espetáculo "O Semelhante", da atriz e escritora Elisa Lucinda, e ainda Tônia Carrero, que estará lendo textos de Rubem Braga.

Bibliotecários e tradutores

Com a presença de nomes internacionais, o Encontro de Biblioteca e Informação, marcado para o dia 14 de agosto, trará para o Brasil experiências bem sucedidas no exterior. Sob a coordenação de Ana Lígia Medeiros, diretora do Departamento de Biblioteca da Secretaria de Cultura e Esportes do Estado do Rio de Janeiro,

"Nossa intenção é tornar o evento referência para debates e discussões daqueles que vivenciam o livro em seu dia-a-dia"

o evento já tem confirmada a presença da diretora da rede nacional de bibliotecas públicas do México, Ana Maria Megalone, cuja palestra terá como tema "O Milagre da Multiplicação". Ela contará um pouco da bem sucedida experiência mexicana que, em 13 anos, passou de 351 bibliotecas públicas para mais de 5.600 unidades.

Outra atração será o francês Michel Merlot, do serviço nacional do patrimônio da França, que promete uma das mais concorridas

palestras com o tema "As Novas Alexandrias", sobre a criação de grandes bibliotecas na atualidade. Incentivos à cultura também serão debatidos em outra mesa-redonda, que já tem confirmada a participação do secretário de política cultural do Ministério da Cultura, Ottaviano de Fiore.

Os tradutores também terão seu espaço na VIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Organizado pela Fundação Biblioteca Nacional, o Encontro Internacional de Tradutores e Agentes Literários trará para o país tradutores e agentes de alguns dos maiores escritores brasileiros. Debatedores estarão sentados à mesa para discutir alternativas em busca do crescimento da tradução de obras brasileiras no mercado editorial internacional.

Mais de 30 convidados estrangeiros estarão no país para participar do evento. Entre eles estão a alemã Ray-Güde Mertin (agente e tradutora de autores como Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Antônio Callado e ainda João Cabral de Melo Neto), Alice Raillard (tradutora de Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Darcy Ribeiro) e ainda os brasileiros Sílvio Arruda, Lúcia Riff, Henrique Gandelman e Ana Maria Santeiro.

Os interessados em se inscrever em um dos eventos devem ligar para a Associação dos Representantes das Editoras do Estado do Rio de Janeiro (AREERJ): (021) 240-3340, (021) 220-4930 e fax (021) 224-7282.

Em Niterói tem uma escola apaixonante...



MIRAFLORES

Rua Ministro Octávio Kelly, 474 - Icaraí
714-6838 / 710-8189

Do teatro aos computadores.
Da biblioteca ao coral.
Dos esportes à educação ambiental.
Do inglês à música.
Da matemática à nossa língua.

Qualidade nem
sempre é mais caro

Matrículas Abertas do Maternal à 8ª série

RESENHA

SOBRE A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Leituras para os que lidam com a criança e o adolescente

Razão para um lado e emoção para o outro é uma velha e conhecida divisão de territórios da mente humana. Daniel Goleman, autor do livro INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, vem dizendo que esta divisão não pode mais se perpetuar. A idéia de reconciliar cabeça e coração não é nova; há muito ocupa grande parte do que tem sido escrito para melhorar a vida.

O livro do Sr. Goleman é mais um com o mérito de conseguir passar este recado contentando gregos e troianos, racionais e emocionais. Diz que, para sermos emocionalmente inteligentes, precisamos aprender a usar a razão e a emoção de forma complementar, porque a razão bem desenvolvida potencializa a emoção e vice-versa. Assim vamos lidar bem com as frustrações, saberemos como nos motivar, como controlar impulsos emocionais avassaladores e como descobrir os ricos meandros dos nossos relacionamentos.

O livro lembra o filme "Forest Gump" porque tem um pouco de tudo e, no fim, ficamos como o personagem-título: no ponto do ônibus, esperando algo que não vem. Depois de ler a obra, entender e concordar, instala-se uma depressão de habitante de país "pré-desenvolvido": quando é que nosso sistema educacional vai poder contribuir para diminuir o analfabetismo emocional?

Quando vamos desistir de ser hipnotizados pelo ensino que fica só "na cabeça"?

Se estamos em dia com as notícias e se estudamos a inteligência emocional, vemos que há uma distância interplanetária entre a saudável proposta da complementação de razão e emoção e o comportamento da nossa sociedade.

Nas matérias publicadas em nossas revistas sobre este livro, divulgou-se o quanto as empresas têm estado interessadas no aprendizado da inteligência emocional. Claro! É onde circula \$\$\$\$! Executivo que não parte para se alfabetizar emocionalmente está fora do mercado. Parece mais uma ameaça de tortura do que uma oportunidade de crescimento, com o risco de trair o próprio núcleo do aprendizado da inteligência emocional, que fala de capacidade de auto-motivação. Será que nossos executivos querem aprender mais sobre suas emoções ou estão pressionados pela perda da promoção e do emprego?

E os profissionais das áreas humanas e artes, que já são mesmo percebidos como mais emocionais? Onde e como irão desenvolver sua inteligência emocional?

Há muito existem esforços de alfabetização emocional. Todos circunscritos, ilhados no mar das resistências. Num instante surge a lembrança de Paulo Freire e Carl Rogers. E há muitos outros mestres da inteligência emocional, com os quais podemos aprender a complementar razão e emoção. Este tipo de estudo tem sido negligenciado. Maravilhosos mestres têm sido subutilizados.

Nem a aterrorizante presença da violência parece sensibilizar o suficiente para estimular uma ação emocionalmente inteligente da sociedade. Se existe algum santo padroeiro dos grandes desafios, que ele nos ilumine, pois a razão do complexo educação/saúde já enlouqueceu.

Maria Helena Nazareth

Inteligência Emocional
Daniel Goleman
Ed. Objetiva

Educação em época de transição

E

stamos vivendo um momento de transição. A década de 90 está se caracterizando pela passagem da sociedade capitalista para a sociedade pós-capitalista, isto é, de uma sociedade baseada no capital, terra, trabalho, para uma sociedade cujo principal fundamento será o conhecimento. Nesta sociedade pós-capitalista, destacaremos entre outros, o analista-simbólico, no dizer do professor Robert B. Reich da Universidade de Harvard, o agente que melhor se enquadra no perfil deste conhecimento que abrange com destaque a capacidade do sujeito de identificar problemas, trabalhar em equipe, negociar, pensar de forma global, como sendo o que melhor estará preparado para enfrentar a sociedade do próximo milênio.

Nesse enfoque, indagamos se a educação nos moldes de hoje preenche esses requisitos. Acreditamos que essa é a grande reflexão que envolve a todos que se preocupam com o processo educativo.

Pensamos numa educação que torne o homem capaz de aprender a assimilar o mundo complexo em que vive, tendo condições de transformá-lo e não só de reproduzi-lo.

Para tantos, muitos desafios deverão ser vencidos: desafio na permanente atualização do professor, desafio no uso da tecnologia de informação; desafio na mudança do currículo escolar, desafio no conceito de "ensinar a pensar" visando o desenvolvimento cognitivo de tal maneira que possamos ter, como resultado, indivíduos capazes de refletir e interpretar a realidade com autonomia, de se comunicar, de aprender novas habilidades e novos conteúdos.

Esse enfoque dado à educação contribui, sem dúvida, para a auto-realização, auto-estima e como instrumento-meio para atingir aqueles objetivos destacamos como um dos elementos mais importantes, a leitura não só por ser uma atividade cognitiva, por excelência, como, também por envolver várias habilidades básicas como a percepção, o processamento reflexivo.

A leitura é uma habilidade de comunicação, portanto, ela possibilita, na linguagem de Piaget, o descentramento da pessoa e o abandono do ponto de vista egocêntrico. E correlacionado com a desconcentração, há o desenvolvimento do pensamento reflexivo. A leitura, portanto, está e estará sempre presente no contexto da educação, na sua proposta formativa e informativa, sem querer, todavia, delinear os fins da educação.

Portanto, nesta fase de transmissão, espera-se que a educação tenha compromisso com o homem e com suas potencialidades, tornando-o capaz de transformar a informação em conhecimento, o conhecimento em sabedoria, em arte de viver, de amar, de conviver, de trabalhar, de interrogar o mundo e tornar-se cada vez mais, um ser integral, preparado para ser um partícipe desta sociedade pós-capitalista.

Lysette A. G. Raymundo
Consultora da OBRAPE



Bienal Multimídia

CRIA SALÃO INÉDITO

Marcada para se transformar na maior Bienal do Livro já realizada no Rio de Janeiro, a oitava edição do evento entre os dias 13 e 24 de agosto, no Riocentro, terá este ano um espaço inédito reservado exclusivamente a expositores ligados à Multimídia. Empresas que passaram a investir em softwares para o mercado editorial e aqueles que trabalham com CD-ROM ligados à literatura, entre outras coisas, montarão seus estandes no Salão Multimídia, uma área de mil metros quadrados no "coração" da Bienal.

"Criamos este espaço seguindo sugestão dos próprios expositores. O Salão Multimídia é uma amostra da diversidade do mercado editorial hoje em dia, e era inimaginável na Bienal anterior, em 95, no Rio de Janeiro", afirma Arthur Repsold, diretor-executivo da FAG Eventos, empresa responsável pela organização da feira junto ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). A Bienal estará reunindo este ano 500 expositores, um recorde de participação, e pretende movimentar R\$ 45 milhões nos 12 dias de evento.

"Este é um mercado que está despontando agora para a multimídia. Os seus diversos segmentos estão se profissionalizando mais, e a competitividade no setor aumentou bastante. Daí a necessidade de se ter maior agilidade e controle sobre o negócio", afirma D'Elia. Segundo ele, a SCE é hoje a única empresa de software que se especializou para atender o mercado editorial. Atualmente, ela já possui 77 instalações de softwares em livrarias como Letras & Expressões, Bookmakers, Travessa do Ouvidor,

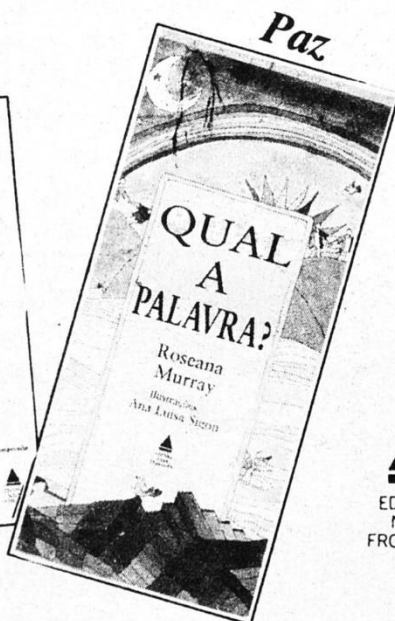
entre outras, e pretende a partir de agora passar a atender também editoras.

Além do Salão Multimídia, a VIII Bienal do Livro do Rio de Janeiro vai se transformar este ano num evento interativo. Uma Home page e ainda os primeiros estandes virtuais da história da Bienal no Rio farão com que um público ainda maior do que os 1,1 milhão de visitantes previstos para o evento receba informações e consiga participar da feira até mesmo em outros estados. No endereço <http://www.bienaldolivro.com.br>, os internautas terão dicas e informações básicas sobre o que será em 1997 a maior feira do livro da América Latina. Incluindo ainda a lista dos lançamentos previstos para o evento que estará disponível mais próximo à feira.

Graças a uma parceria com a empresa BookNet, um de seus expositores, a Bienal do Livro terá pela primeira vez estandes virtuais em várias cidades do país. Lançados no início do ano, os estandes já estão com contratos fechados para 12 cidades pouco mais de dois meses antes do início do evento. Com previsões iniciais de chegar a 20 cidades, a expectativa agora é de que o número de estandes suba para 40 unidades. Cidades como Vitória, Juiz de Fora, Recife, Mossoró (RN), Salvador, Campos, Nova Friburgo, Petrópolis são algumas das que terão a Bienal do Livro do Rio de Janeiro acessíveis a visitantes que não puderem vir ao Rio participar do evento.

"Os visitantes virtuais terão acesso a bate-papos com os autores e até a possibilidade de comprar, via internet, o livro que estará sendo lançado na Bienal com o autógrafo do seu autor predileto", explica Jack London, diretor da BookNet.

A literatura infanto-juvenil da Nova Fronteira fala de...



Tel.: (021)537-8770 Fax: (021)537-8610 E-mail: novafre@embratel.net.br

...TEMAS DE ONTEM, HOJE E SEMPRE!



Grandes nomes internacionais na Bienal do Livro

PROGRAMAÇÃO DE PONTA E EVENTOS PARALELOS TORNAM A BIENAL IMPERDÍVEL

A maior feira do livro da América Latina transformará o Rio de Janeiro no palco das atenções do mercado editorial.

Nomes nacionais e internacionais estarão participando da VIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que este ano ocupará uma área de 44 mil metros quadrados no Riocentro, o dobro da última edição carioca do evento, em 95. Serão mais de 500 expositores e um público esperado de 1,1 milhão de visitantes, entre os dias 13 e 24 de agosto. Nomes como os escritores Brian Weiss, Marc Fumarole e Federico Andahazi já confirmaram presença e estarão no Rio lançando e autografando suas novas obras.

O psiquiatra americano Brian Weiss foi o primeiro a confirmar sua vinda para o evento. Weiss é um best-seller, que já vendeu mais de 400 mil cópias em todo país, e trabalha com a terapia de regressão. O autor de livros consagrados como "Muitas Vidas Muitos Mestres" estará no Brasil,

lançando uma grande novidade: um conjunto de quatro fitas cassetes com técnicas de meditação e regressão: Relaxamento Profundo, Meditação para Cura, Exercícios de Regressão e Regressão Através do Tempo. As fitas bilíngues (português/inglês) estarão sendo lançadas pela editora Salamandra ao preço de R\$ 15,00 cada uma.

O argentino Federico Andahazi também estará na VIII Bienal do Livro divulgando sua última obra, *O anatomista*, líder na lista dos livros mais vendidos na Argentina.

A França traz o historiador Marc Fumarole, Membro da Academia Francesa. O intercâmbio com a França este ano já antecipa o próximo Salão do Livro em Paris, 1998, quando o Brasil será um dos países homenageados. "Todos os grandes escritores nacionais estarão presentes na Bienal. Este é o evento mais importante do setor", garante Sérgio Machado, da editora Record, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

Mais de 1.500 lançamentos estão previstos para o evento. As expectativas dos organizadores é de chegar a um faturamento de R\$ 45 milhões, nos doze dias de evento. Países como Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra, Cuba, Argentina, Colômbia e a própria França já confirmaram presença "Nossas expectativas são de chegar a 15 o número de países participantes", afirma Arthur Repsold, diretor-executivo da FAG Eventos, empresa responsável pela organização da feira.

Eventos paralelos

Dia 15 de agosto entrega do Prêmio Jabuti; dia 14 de agosto o Primeiro Encontro Biblioteca e Informação, que reunirá profissionais do Brasil e de países vizinhos; dias 15 e 16 de agosto se realiza o Primeiro Encontro Bienal dos Profissionais do Ensino que pretende reunir mais de 800 professores de todo estado em torno de temas como educação e leitura. Palestra de abertura com Herbert de Souza e Ziraldo.



Razão Cultural Editora

Apresenta

seus mais recentes lançamentos

"Ela era linda.
Era negra!"



"O lírico e o trágico
de uma mulher"

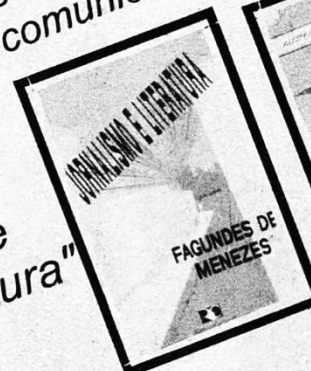


"Um explosão
de paixões"



"O Maranhão e
sua lendária cultura"

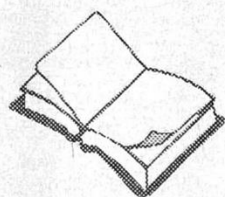
"Os modernos critérios
da comunicação"



"Memorial
de vivências"

Priorizar o autor nacional. Esse o nosso lema!

Rua Siqueira Campos, 43/412 Copa. Tel/Fax: 256-2938 - 547-3020



A cada dois anos, centenas de escolas do Estado do Rio de Janeiro marcam presença na Bienal do Livro. Professores dos 1º e 2º graus levam seus alunos a conhecerem este imenso mundo da literatura, onde os pequenos são recebidos com muita alegria pelas editoras.



E você, já inscreveu a sua escola?

Estamos preparando, desde já, uma programação super atraente e criativa:

contadores de histórias

presença de autores

artistas famosos

mímicos

teatros de bonecos

ilustradores

lançamentos

**NÃO DEIXE
DE PARTICIPAR
DESTA VIAJEM
CULTURAL!**

e muito mais!

Visitas escolares de 18 a 22 de agosto
das 10 às 18 horas

Para maiores informações e inscrições das escolas, favor contatar:

AREERJ - Associação de Representantes de Editores do Estado do Rio de Janeiro

Tel: (021) 240 - 3340 / 220 - 4930 - Fax: (021) 224 - 7282

E-mail: bienalrio@fageventos.com.br / <http://www.bienaldolivro.com.br>

FAGGA
EVENTOS

SNEL
Sindicato Nacional
dos Editores de Livros

RIO PREFEITURA
CIDADE MARAVILHOSA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Assessoria de Projetos Esportivos

LEI DE
INCENTIVO
A CULTURA
MINISTÉRIO
DA CULTURA

patrocínio:

Kellogg's

PRESENÇA SAUDÁVEL NO SEU DIA-A-DIA